

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

*Dirigir todos os pedidos de assignaturas e numerar
avulso : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 22, rua
de Alalay, LONDRA : e no Brasil, ao sr. JOSÉ DE
MELLO, 38, rua da Quitanda Rio de Janeiro.
Preço da numerar à Paris, 1 franc.*

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 15

PARIS 5 D'AGOSTO DE 1889

Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

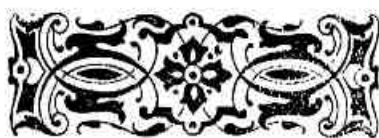
JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS

ANNO (CÔRTE)	12.000 R\$14
MESETE (CÔRTE)	6.000 —
ANNO (PROVINCIA)	14.000 —
AVULSO	500 —



OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — S. M. NASSRU-ED-DIN, SCHAH DA PERSIA.



CHRONICA

PRO PATRIA...

A EUROPA tem sofrido tais transformações nestes últimos cem annos, e a situação politica de cada Estado tem mudado tantas vezes de aspecto, que cada paiz, para affirmar a sua nacionalidade, se vê obrigado a ir mostrar ás capitães das grandes nações as provas materiais do seu estado de civilização. Hoje em dia já não bastam relatórios, mostrando por palavras e números quaes os recursos de que cada paiz dispõe. É necessário vêr, palpar, o que cada povo produz, e só assim é que elle se impõe ao respeito dos outros povos...

Ainda no começo d'este seculo a importancia d'uma nação estava apenas dependente das suas allianças politicas e das suas forças militares. Ainda ha dezoito annos a Prussia, pela bocca do sr. de Bismarck, chegava a ter a audacia de querer convencer o mundo de que a França estava acima do Direito! E os pequenos paizes como Portugal, assustados com semelhantes theorias dignas de Fra Diavolo, olhavam tristemente para os seus minusculos exercitos, e convenciam-se de que estavam effectivamente á mercê do mais insolente. Isto é: — á mercê do mais forte...

Ainda ha vinte annos era para todos um axioma: — que as pequenas nacionalidades tinham: de ser absorvidas pelas grandes potencias europeias...

Felizmente que de 1870 para cá, a Alemanha tem a convicção intima de que não é facil extorquir, devorar e digerir duas provincias (Alsacia e Lorena) que aliás pareciam ter habitos, tradições e tendencias mais teutonicas, do que habitos e tendencias gaulicas... Que seria então assassinar e devorar um paiz, escravizar um povo, com um caracter definido, e uma tradição de seculos?...

Ora dá-se agora um facto que desmoroe os velhos processos dos diplomatas, e põe as pequenas nacionalidades ao abrigo das conspirações da escola bismarckiana. Os pequenos paizes que não podem fazer-se respeitar pela força bruta, reconhecem hoje ás exposições, e apellam para o suffragio dos povos, reunidos n'um ponto do globo, para julgar do Trabalho e da Intelligencia humana. E affirmam a sua independencia pela florescencia da sua industria, como a Belgica, pela originalidade dos seus pintores, como a Suecia, pela riqueza da sua agricultura e das suas colonias, como Portugal.

E estes pequenos paizes que não são chamados pelos diplomatas para as terrificas allianças que por essa Europa se andam forçando, — riem dos srs. diplomatas, contrahindo directamente, de povo para povo, as mais indestructiveis allianças d'interesses e de sympathias.

A Finlândia pode estar ainda hoje sob a ligeira tutela da Russia; a Servia pode estar sob a dependencia diplomatica dos que se arvoraram em juizes da questão do Oriente; a Dinamarca e a Suissa podem estar sob o terror d'uma cidade do sr. de Bismarck; Portugal pode estar sobresaltado com a ideia d'uma alliança occulta entre a Inglaterra e a Hespanha, com o fim de attentarem contra a nossa independencia e contra as nossas colonias.

Todos estes pesadellos se hão de dissipar em breve, não direi para sempre, mas por alguns seculos. Qualquer attentado ao *statu quo* da Finlândia ou da Servia; á independencia da Suissa ou de Portugal, depois das sympathias que estes

povos tem conquistado nos ultimos cortamentos interconos, não seria praticado impunemente, sem que em toda a Europa, da parte do povo, não houvesse um movimento geral de indignação e de revolta. O mesmo que se experimenta, quando se vê um bruto espancando uma criança, ou espancando uma mulher!

A opinião publica começa tambem a ter peso na chamada « balança da Europa », — e o « equilibrio europeu » já não é coisa facil de equilibrar, quando a opinião não está do lado da diplomacia...

Nem a terrível Alemanha pode ser insolente com a Hespanha, por occasião do conflicto decoro das ilhas Carolinas; nem a Inglaterra o é hoje com Portugal, por causa de Lourenço Marques. E preciso escutar primeiro o que diz a Europa. Isto é, o povo. Se o desmembramento da Polonia fosse um questão de hoje, a Polonia teria do seu lado todos os povos do Occidente, fazendo respeitar a integridade do seu solo. Como respeitada ha de ser a Suissa, apesar das mil combinações machiavellicas do sr. de Bismarck, para attentar contra a sua independencia.

Dos pequenos estados da Europa, o que menos tem pensado formar a opinião publica a seu respeito, é tornar-se admirado pela sua riqueza agricola e pela sua importancia colonial — é incontestavelmente Portugal.

Nós temos, como todos os paizes, um ministerio dos negocios estrangeiros, que é o encarregado de defender os interesses do paiz para além da fronteira. Sómente n'este ministerio ainda se trabalha segundo as antigas formulas diplomaticas dos velhos tempos, quando ainda a imprensa nem sequer era elemento de propaganda.

Todos os dias a imprensa estrangeira anda cheia de erros, não só acerca da nossa politica interna, das nossas finanças e da nossa agricultura, o que aliás é desculpavel, — mas até da nossa situação geographica em Africa, que é para onde hoje convergem as vistas e as ambigões dos grandes Estados, famintos de colonias, para darem saída ao excesso de produção industrial, ao excesso de população, e para darem emprego ao capital que de dia para dia se empobrecendo na Europa.

E esses erros correm mundo; espalham-se por ignorancia ou por malevolencia na imprensa franceza, ingleza, italiana e allemã; os nossos jornais sorriem dos erros dos collegas estrangeiros; e das nossas legações raras vezes sae um desmentido, raras vezes sae uma rectificação, desmentindo Portugal á face da Europa o papel d'um mandrágora que dorme suinamente á sombra dos louros conquistados pelos avós.

E os erros vão-se amontoando; os erros succedem-se as insinuações; e quando ninguém sabe na Europa, nem o que temos, nem o que queremos, nem o que fazemos, — surgem em nosso desabono essas vergonhosas questões do empresario D. Miguel e do caminho de ferro de Lourenço Marques, de tal modo confusas, graças ás habilidades dos especuladores, — que poucos são os que sabem de que lado está a Razão e a Justiça!

E comtudo não nos faltam sympathias por toda a parte, principalmente em França. A nossa exposição do caes d'Orsay é d'isso a prova mais eloquente.

Todos os paizes fizeram grandes sacrificios para concorrerem á Exposição de Paris. A Hespanha, a Inglaterra, a Italia, a Belgica, a Hollanda, a Austria, por exemplo. Todos esses paizes se acham sumptuosamente installados, tendo gasto sommas muito superiores áquellas de que os portuguezes dispuseram. Todos esses paizes procuram para as suas exposições do Campo de Marte, uma corrente de curiosidade e de sympathia que difficilmente obtem. Em

quanto que o publico francez ao deparar com o nosso pavilhão onde flutua a bandeira azul e branca, exclama com calor:

— *Tiens! voilà le Portugal!...*

E o nosso pavilhão é visitado com interesse, os artigos coloniaes e as fanyas das Caldas detalhadamente observados, os nossos vinhos provados com prazer, saboreados com gula. — como se o francez se sentisse realmente transportado para esse limbo e glorioso paiz do extremo occidente, onde sente que ha um povo que lhe é sinceramente afeiçoado.

São todas estas sympathias, agora tanto em evidencia, que nós não devemos pôr de lado, justamente no momento em que somos atacados na imprensa hespanhola; em que somos insultados na imprensa ingleza; e em que não encontramos uma palavra de apoio e de defeza na imprensa allemã, na imprensa d'essos paizes que é nosso aliado nos interesses d'Africa, — aliado para nos devorar mais tarde alguma possessão, como sempre o fez a Inglaterra!

É preciso que nos seja profíqua a nossa vinda a Paris. A riqueza de Portugal está na sua agricultura. O seu futuro politico, a sua independencia até, estão dependentes da sua grandeza colonial.

Excessamos de pensar na opinião publica em Inglaterra, que nos é manifestamente hostil. Tratemos de ter do nosso lado a opinião da França, — e tambem da Alemanha, se esse auxilio nos não ha de um dia sair bem caro...

Tratemos de fazer conhecido Portugal no estrangeiro. Não temos bastantes soldados para meter medo aos paizes que nos cubiçam. Mas podemos ter do nosso lado a opinião publica, a maioria da imprensa europeia, para n'um dado momento gritar: « *alto lá!* » áquelles que tiverem a audacia de querer tocar n'alguns dos nossos thesouros.

Foi o — « *alto lá!* » — da imprensa franceza, que tambem obrigou Bismarck a abandonar o conflicto das Carolinas com o governo hespanhol.

MARIANO PINA.

ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

MISERIA

*Era já noite cerrada,
Diz o filho: — O' minha mãe!
Debaixo d'aquella arcada
Passava-se a noite bem...*

*A cega, que todo o dia
Tinha levado a andar,
A tas palavras do guia
Sentiu-se reanimar.*

*Mas saltam dois cães de gado,
Que eram como dois lobos.
Tinha-os no pateo um morgado,
Para o guardar dos ladrões.*

*Molem-se de novo a estrada,
E aonde haviam de ir dar?
Ao palácio da tapada,
Onde o rei ia caçar.*

*A ceguinha meio morta
Torna o filho: — O' minha mãe!
Ahi, no vão d'uma porta,
Passava-se a noite bem.*

*— Se os cães deixarem!... diz ella.
A triste, num riso amargo.
Com effeito, a sentinella:
— Quem vem lá? passe de largo!*

*Então ceguinha ceguinha,
Vendo a sua esperança van,
Deixaram-se no caminho,
Até romper a manhã.*

João de Deus.



PORTUGAL EM PARIS

A EXPOSIÇÃO portuguesa do Quai d'Orsay (não confundir com uma ridícula exposição d'indústrias portuguesas, instalada pelo sr. Visconde de Melicio no Campo de Marte) de que apresentamos hoje varios aspectos — foi visitada pelo Presidente da Republica franceza no dia 9 de julho findo, e inaugurada solemnemente no dia 10 do mesmo mez. Essa exposição consta:

- d'uma secção vinicola (vinhos do Porto, da Madeira, vinhos communs brancos e brancos, e azeites);
- d'uma secção colonial;
- d'uma secção mineralogica;
- d'uma secção florestal;
- d'uma exposição de fayanças artisticas da fabrica das Caldas da Rainha;
- d'uma exposição de conservas e outros productos alimenticios;
- e d'uma exposição de licores e aguas-ardentes.

Esta exposição acha-se instalada n'um palacio e n'um annexo, construídos no Quai d'Orsay, sobre o Sena. A construção é devida a um architecto francez M. Hermant, que procurou imprimir ao palacio, coroado por uma torre, o caracter das construções portuguezas do tempo de D. João V. Mas como os documentos e as indicações architectonicas communicadas ao artista, por intermedio do sr. Visconde de Melicio, fossem naturalmente deficientissimas, — não se sabe ao certo se se tem diante dos olhos um palacio do seculo XVIII, excessivamente rococó, ou uma igreja...

Quando o primitivo Comité de Paris apresentou ao Ex.^{mo} sr. Conselheiro Emygdio Navarro, então ministro das obras publicas, um projecto de annexo portuguez sobre o Sena representando a nossa torre de Belem, ainda o sr. de Melicio tinha a confiança do governo. E consultado sobre a materia — recusou o projecto! E querendo dar, por intermedio do *Commercio de Portugal*, a razão publica da sua recusa da torre de Belem, respondeu no seu melhor tom conselheiral e extensamente: «Acaso: — a que seria profanar o monumento das nossas glorias, metter lá dentro uma exposição de vinhos e de artigos coloniales?»

E vae d'ahi, o sr. Visconde encomendou para Paris a tal construção D. João V, que nos noticiarios francezes passou a ser classificada de «Luiz XV portuguez». Um novo estylo architectonico, que o sr. Visconde achou de pôr em circulação...

Quanto não seria mais bello ver sobre a margem do Sena a reprodução d'esse glorioso monumento construído sobre a margem do Tejo! Ah! fluctuaria galhardamente a veneravel bandeira dos quines! E n'este momento em que uma certa imprensa hespanhola e ingeza parece decidida a depreciar-nos e a insultar-nos, mostrariamos a Europa reunida agora em Paris, o que fomos, as riquezas que hoje possuimos, e o espirito artistico que nunca nos abandonou, e que é a melhor prova da nossa vitalidade e energia — no momento em que fôr preciso saber fazer respeitar o solo sagrado da patria!

Mis o sr. de Melicio, homem pratico, desde-zinho de taes considerações, e insatisfeito pelo seculo XVIII. A visão das passadas glorias, — preferia a visão mais moderna e mais doce da marmelada das freiras d'Odiveallas! E como o sr. de Melicio era então o senhor absoluto d' Exposição de Paris — fez-se a construção «Luiz XV portuguez»!

Tanto a empreitada do Palácio como a do annexo foram confiadas a M. Jules Allard, 52, rue de Chateaudun, Paris.

A outra construção que se prolonga na nossa gravura, ao lado do nosso palacio — é o palacio francez dos productos alimenticios. Assim farão os nossos leitores uma ideia do effeito geral d'esta margem esquerda do Sena, vista da ponte d'Alma. O nosso palacio occupa uma superficie de 500 metros quadrados — não contando com o annexo. Compõe-se d'um rez-do-chão, de dois andares, e

d'uma torre. Do solo ao extremo da torre, onde fluctua a bandeira portugueza, ha 25 metros d'altura.

REZ-DO-CHÃO

VESTIBULO D'ENTRADA. — Lado do cos, d' direita. Exposição de vinhos da Madeira, sendo principal expositor a casa Blandy Frères; — d' esquerda, parte da exposição de vinhos do Porto, organizada pela Delegação vinicola do Norte. Representante: sr. Visconde de Villar d'Allen, membro do Comité portuguez.

GRANDE SALA DO CENTRO. — Exposição dos vinhos do Porto, organizada pela Associação commercial do Porto. Representantes: srs. John Andersen Junior e Outeiro Ribeiro, membros do Comité.

SALA DE DIREITA (sobre o Sena). — Exposição de florestas, organizada pelo sr. Pedro Roberto da Silva, membro do Comité.

SEGUNDA SALA (sobre o Sena). — Exposição de memórias: de productos mineiros; e d'uma esbelta collecção de fayanças artisticas das Caldas da Rainha.

PRIMEIRO ANDAR

EM TODAS AS SALAS. — Exposição das colonias, organizada pelos srs. Luiz d'Andrade Corvo, director do Museu colonial de Lisboa, membro do comité, e Rafael Lezama. Também ali se vêem varios objectos pertencentes ao Museu da Sociedade de Geographia de Lisboa; e uma preciosa collecção de moedas e medalhas, pertencente ao Dr. Gerson da Cunha, illustre numismata e orientalista, residente em Bombaim.

SEGUNDO ANDAR

GRANDE GALLERIA CENTRAL. — Exposição de productos coloniales.

SALAS SOBRE O RIO. — Exposição d'artigos coloniales e de fayanças artisticas das Caldas da Rainha.

SALA DE DIREITA (sobre o cos). — Exposição de conservas, d'aguas mineiras e de licores, destacando-se entre estes a collecção de licores da fabrica Ancora de Lisboa.

ANNEXO

REZ-DO-CHÃO E GALLERIA. — Grande exposição de vinhos tintos, brancos e azeites, organizada pela real Associação d'Agricultura da Lisboa. Representantes: srs. Gerardo Augusto Pery, thesoureiro do Comité; Carlos Pinto Coelho de Castro, membro do Comité; José Guilherme Macieira, secretario d'essa Associação e membro do Comité; Carlos Campos e Julio Palmeirim.

No rez-do-chão do annexo está installado o bar das provas, onde se acham á venda todas as classes de vinhos portuguezes expostos em Paris.

Toda a decoração artistica e installações, tanto do Palácio como do annexo, são devidas ao sr. Rafael Boddallo Pinheiro, director da fabrica de fayanças das Caldas da Rainha, membro do Comité, — e que teve ao seu lado o sr. Frederico Augusto Ribeiro, um artista portuguez de grande valor, e que é digno da grande confiança que n'elle deposita Boddallo Pinheiro.

Do comité portuguez de Paris collaboraram particularmente nos trabalhos da nossa exposição do Quai d'Orsay, os srs.: Boddallo Pinheiro — Camillo de Moraes — Carlos Pinto Coelho de Castro — Denfert Rochereau — Domingos d'Oliveira — Gerardo Augusto Pery — John Andersen Junior — José Guilherme Macieira — Luiz d'Andrade Corvo — Mariano Pina — Mathieu Lugan — Outeiro Ribeiro — Pedro Roberto da Silva — Visconde d'Azevedo Ferreira — Visconde de Villar d'Allen.

**

O Presidente do Comité portuguez de Paris é o sr. Conselheiro Mariano Cyrillo de Carvalho.

Foi a Ex.^a que accetou do governo o delicado encargo da superintender sobre toda a exposição portugueza em Paris, tanto do Quai d'Orsay, como do Campo de Marte. Depois de tantos conflictos a que tinha dado origem a primitiva organização do sr. Visconde de Melicio, este encargo tornava-se deveras melindroso. Era preciso tomar resoluções energicas, sem de modo algum ferir susceptibilidades, vivamente irritadas.

E S. Ex.^a tanto em Lisboa como em Paris levou a cabo a sua missão, vencendo as mil difficuldades e complicações que surgiam inesperadamente, com o talento superior de quem conhece perfeitamente os homens, e o modo de desembrilhar os complicados problemas em que elles se embrenham quotidianamente.

O sr. Mariano de Carvalho accetou este deli-

cado encargo do governo, sem receber remuneração alguma do Estado. Quiz assim mostrar ao seu paiz que todo o seu empenho era unicamente que Portugal fizesse honra á Exposição universal.

E tanto assim era, tamanho empenho teve em que a nossa exposição fosse brilhante, que apenas o governo o convidou a superintender em todos os trabalhos, o primeiro collaborador que mandou chamar para junto de si foi Boddallo Pinheiro — porque sabia que só um artista do valor de Boddallo Pinheiro podia á ultima hora transformar o mau que se avia em Paris, na deslumbrante exposição que todos hoje applaudem.

Este acto de justiça para com o notavel caricaturista — que tem sempre vivido tão fóra das regiões officiaes — é mais uma prova do interesse que o sr. Mariano de Carvalho tomava pelo bom exito da nossa exposição, confiando plenamente em tudo quanto Boddallo Pinheiro mandasse fazer, como decoração e installação do Palácio e annexo.

**

A inauguração solemne do nosso pavilhão, que teve lugar no dia 10 de julho, assistiram — a colonia portugueza e braxileira, os commisariados estrangeiros juntos da Exposição, e a imprensa parisiense e estrangeira. No rez-do-chão do annexo e d'uma sala do 1.^o andar do Palácio, servio-se um abundante lunch, vindo-se sobre as mesas os melhores vinhos portuguezes, e doces portuguezes mandados vir expressamente de Lisboa. Na galleria do annexo estava installada uma orchestra. A reunião começou ás 4 da tarde, e só acabou depois das 6 horas.

É impossivel citar todos os nomes, porque se ficaram cerca de 3.000 convites. Pudemos ainda assim apontar na nossa carreira as seguintes:

Conde e condessa do Valbom — Visconde e viscondessa de Cavalcanti — M. e M^{me} Ega de Queiroz — Carlos Lobo d'Avila — Conde de Ficalho — Fernando Palhas — Conde d'Azevedo da Silva — M. e M^{me} José Ribeiro da Cunha — Barão d'Alcochete — Alfredo de Castro — Rualdo Otello — Conde do Restelo — Conde e condessa do Covo — Conde e condessa de Valença — Carlos Relvas — Viscondessa de Massama e Filha — Viscondessa de Guaratiguera — Eduardo Prado — Sant' Anna Nery — Marquez de Mudeia — Visconde de Caravellos — Pedro Blanco — Augusto Rosa — M. e M^{me} Augusto Ribeiro — M. et M^{me} Alfredo Mendes da Silva — Mariana Proes — Antonio d'Oliveira Mantello, presidente da Camara Municipal do Porto — Teixeira Lopes — Thomaz Costa — Salgado — Silva Porto — Dr. Mello Viana — Adolpho Benarus — Jorge e Jayme Verde — Augusto Pina — Baronesa de Gaby — Dr. Antonio Alves Ferreira — Pinto d'Aguiar — Barão d'Ornelas — Conde d'Alonso — Carlos Duran — Conde de Cabral — Pinto de Magalhães — Dr. May Figueira — M^{me} e M^{me} Arnau — Ernesto Pinto Bastos — Domício da Gama — Dr. Argello Feirão — Barão de Marajó — Barão da Estrella — Fernando Xau — Dr. Gerson da Cunha — Motta Prego — M. e M^{me} Nuno Querol — J. Batista Reis — F. F. Benevides — E. Moreira Marques — Eduardo Brazão — Barão de Portellas — Viscondessa d'Abregia — actriz Rosa Damasceno — M^{me} d'Ornelas — Souza Pinto — Director do *Rappel* — Director da *Nouvelle Revue* — M. e M^{me} Devoyod — Marchand — Amédée Prince — Steukera, deputado — Manuel Maria Rodrigues — Principe da Gallizia — Principe de Bissaco — Eusebio Blasco — Redactores do *Figaro*, *Temps*, *Matin*, *Gil Blas*, *Echo de Paris*, *Lanterne*, *Soleil*, *Presse*, *Petit Journal*, *Journal des Debats*, *Voltaire*, *Satir*, etc., etc.

Se quizessemos continuar teriamos de escrever mais de 3.000 nomes!

**

Em resumo:

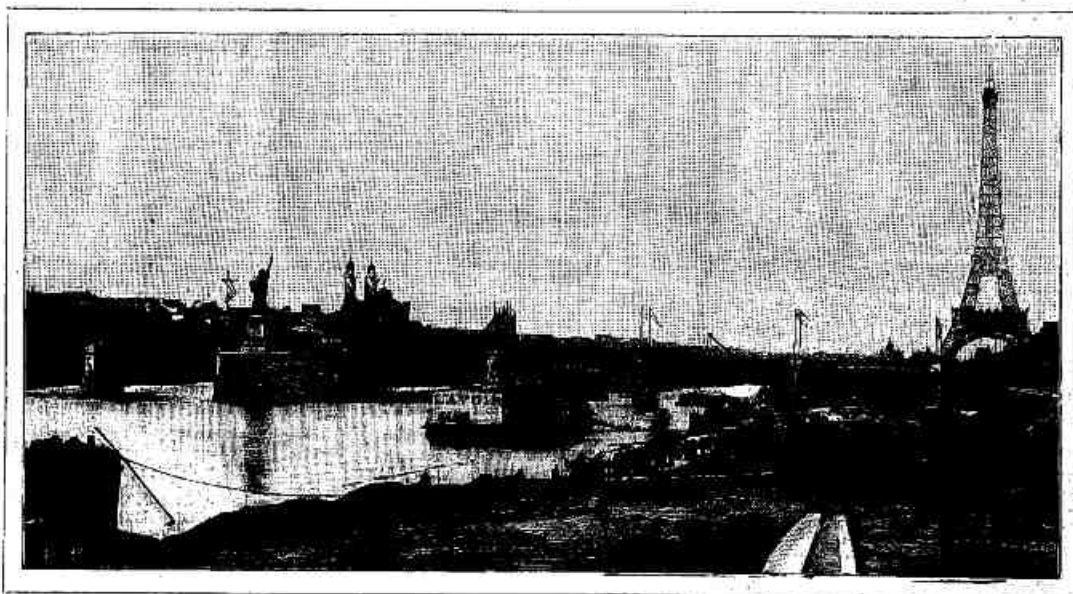
A exposição portugueza do quai d'Orsay constitue um triumpho para Portugal, — não só pela sua installação, como pela excellencia dos productos e artigos expostos, porque nunca Portugal obteve tantas distincções dos jorjs internacionais como está agora obtendo em Paris, no que diz respeito a fayanças, azeites e vinhos.

N'este triumpho uma boa parte de gloria compete á imprensa lisboense, quando entrou na famosa campanha contra Melicio, tão incorrigivelmente inaugurada nas columnas do *Seculo* e dos *Pontos* nos 11.

A *Illustração* só lhe resta felicitar os seus collegas de Lisboa pelos brilhantes resultados d'essa campanha, desejando que haja sempre entre todos a mesma união, de cada vez que fôr necessario sacrificar um sr. Melicio ao bom nome da nossa terra... Porque Melicios não falam em Lisboa; e é preciso estar precavido contra esses senhores, que estão sempre minando projectos, geralmente desastrosos para o paiz, de cada vez que os realizam.



OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — S. M. JORGE I, REI DA GRÉCIA.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A ESTATUA DA LIBERDADE, VISTA DO SENH.



AS PROXIMIDADES DO POÇO VENGUELOUX, EM SEQUENÇA À CATASTROPHE.



O INTERIOR DA MINA

OS DRAMAS DAS MINAS. — A CATASTROPHE DE SAINT-ETIENNE (FRANÇA)

Haja vista à Exposição da Avenida — o primeiro florão da corda do sr. Visconde. O que ali se consumia! Quanto para ali saíram as arcas do Thesouro!...

Julgamos do nosso dever reunir n'uma página os retratos dos commissários portugueses que mais directamente intervieram na organização da secção portugueza do qual d'Orsay.

São os srs. — **Mariano de Carvalho**, presidente do Comité; — **Bordallo Pinheiro**; — **Gerardo Augusto Pery**, que na ausencia do sr. Mariano de Carvalho resolvia d'um modo tão superior as mil difficuldades inherentes a uma tão vasta e tão complicada organização; — **Carlos Pinto Coelho de Castro**, que se collocou ao lado de Bordallo Pinheiro para o coadjuvar em todos os trabalhos difficilissimos da instalação, em que chegaram a estar occupados com a com operários; — **Luiz d'Ambrade Corvo**; — **Visconde de Villar d'Alen**; — **José Guilherme Macieira**; — **John Anderson Junior**; — e **Mariano Pina**, secretario do Comité.

A Associação não podia deixar de prestar esta sincera homenagem aquelles a quem se deve o bom éxito da Exposição portugueza. Se a delicada empresa em que todos se haviam abaloiado tivesse falhado — não fiamos trocas, nem assobios... E portanto joia que elles agora recebem todos os louvores que lhes são devidos, pela actividade, intelligencia e patriotismo de que deram tantas provas.

O nosso distincto collaborador Perys encarregado de nos mostrar varios aspectos das salas do rez-do-chão do palacio e annexo portuguezes do Quai d'Orsay, ornamentadas por Bordallo Pinheiro.

O 1.º croquis representa um aspecto da exposição dos vinhos da Madeira.

O 2.º croquis, um aspecto da exposição dos vinhos da Delegação Vinícola do Norte.

O 3.º croquis, o contrahito da exposição dos vinhos do Porto, organizada pela Associação Commercial do Porto. Este croquis é ladeado por croquis dos manequins que representam os nossos tipos da ilha da Madeira, e d'um campones do norte de Portugal, vestido com uma palhota.

O 4.º croquis representa um aspecto do rez-do-chão do annexo, onde se achia instalado o balcão de provas dos vinhos portuguezes, servido por mulheres com os costumes do Minho, — e onde se achia installada a grande exposição de vinhos organizada pela Real Associação d'Agricultura de Lisboa.

Por estes croquis os leitores da Illustração poderão fazer uma ideia das maravilhas da decoração portugueza, devido ao bom gosto e ao grande talento artistico de Bordallo Pinheiro, — cujas fayncas tanto relevo vieram dar à nossa exposição, e tanto successo tem obtido entre os primos conhecidos de Paris.



A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

JULGADA PELA

IMPRESSÃO

QUANDO escrevemos — Exposição portugueza — referimo-nos somente a nossa exposição vinicola e colonial, installada por Bordallo Pinheiro no pavilhão do quai d'Orsay. De mo, de algum nos poderíamos referir a essa parochia d'exposição d'industrias portuguezas, organizada pelo tal senhor aristocrate double d'un journaliste, que se chama Visconde do Melico, e acerca da qual escrevia o nosso collega o Tempo, de Lisboa, do que é director o nosso illustre amigo Carlos Leão d'Avila: « A nossa exposição industrial é muito menos que mediocre »

E' da nossa exposição portugueza do Quai d'Orsay que se occupam largamente os jornaes de Paris dos dias 10, 11 e 12 de julho, relatando a visita do sr. Carnot, Presidente da Republica, ao nosso pavilhão, onde foi recebido pelos srs. Gerardo Augusto Pery, Bordallo Pinheiro, Visconde de Villar d'Alen, Carlos Pinto Coelho de Castro, Luiz d'Ambrade Corvo, Mariano Pina, Anderson Junior, José Guilherme Macieira, Alfredo Mendes da Silva, Camillo de Moraes, Domingos d'Oliveira, Visconde de Azevedo Ferreira, — e tambem pelo sr. Visconde de Melico, que teve o impudor de receber o Presidente da Republica n'um pavilhão donde esse Melico havia sido banido; que teve a audacia de querer receber honras e cumprimentos que só cabiam a Bordallo Pinheiro, e nos installadores das nossas exposições vinicola e colonial.

Este procedimento inqualificavel d'esse homem que quer monopolisar para a sua famosa Associação Industrial, a representção do nosso país no Campo de Marte, — foi vivamente e asperamente commentado por todos os portuguezes que assistiram à visita do Presidente da Republica franceza. Porque nada havia de mais revoltante do que ver esse Melico atravessar a entrar no pavilhão do quai d'Orsay, onde elle nunca havia posto os pés, para receber as felicitações do Presidente da Republica, acerca d'uma installação de que só cabiam louvores a Bordallo Pinheiro.

Mas o que diventa deveras as pessoas presentes, era o sr. Gerardo Pery, diante de todas as fayncas de Bordallo Pinheiro, fazer d'ellus o maior elogio, e o Visconde de Melico, n'um francez digno de palmatoria, não saber dar a menor explicação acerca das nossas fayncas nacionaes, nem da fabrica das Caldas da Rainha!... De modo que o sr. Carnot teve de abandonar esse cicerone official, chamado Melico, e chamar para o seu lado Bordallo Pinheiro e o sr. Gerardo Pery, para o acompanharem na sua visita ás outras salas do pavilhão!...

E apesar d'esse diploma d'incapacidade passado pelo sr. Carnot, — Melico ainda teve o arrojo de entrar no salão do Comité, e de beber à saúde da França, levantando nos belgas um copo de precioso Porto. — d'esse vinho do Porto que elle queria exibir na exposição de Paris, para só mostrar aos francezes o que nós fabricamos no dominio de chimulho d'oucello e do barrile de dormir!...

As seguintes noticias alludem pois ao nosso pavilhão do quai d'Orsay installado por Bordallo, e que foi sollemnemente inaugurado no dia 10 de julho findo.

Basta ver o que escreveram o Soleil, jornal de que é director o sr. Edmond Husse, membro da Academia Franceza, e o Matin, um dos jornaes mais lidos de Paris, para os nossos leitores fazerem uma ideia dos termos em que fallou a imprensa franceza do nosso pavilhão.

Escreve o Soleil:

Le pavillon portugais à l'Exposition

A quelques pas du pont de l'Alma, sur le quai d'Orsay, un superbe pavillon de style Louis XV détache sa silhouette blanche sur le fleuve où brillent ses assises. Au faite de la tour qui domine le pavillon, flotte au vent le drapeau portugais, bleu et blanc, aux armes de la Maison de Bragança.

C'est dans ce pavillon que la section portugaise a exposé ses produits: vins, bois, objets de vannerie, denrées coloniales, minerais, marbres, faïences artistiques, etc. Ce coin de l'Exposition universelle est à coup sûr l'un des plus attrayants et sera certainement très visité et très admiré.

Le pavillon, dont la façade est en bordure de la Seine, a été construit par un architecte français, M. Hermant, qui a cherché à reproduire l'architecture portugaise du XVIII^e siècle. Peut-être eût-il été préférable de choisir, parmi les nombreux monu-

ments du Portugal, des morceaux plus caractéristiques et pouvant donner un aperçu plus juste de l'architecture pittoresque de ce pays. Une reconstruction de la tour de Belem, complétée par l'adjonction du cloître des Jésuites, eût fait connaître cette architecture du style mi-gothique, mi-arabe, auquel on a donné le nom de style manuelite. L'annexe qui relie le pavillon portugais au palais de l'alimentation eût pu être décorée au moyen de ses plaques de faïence d'un si curieux effet sur les quintas étalées le long des collines qui bordent le Tage.

Quoi qu'il en soit, cette réserve faite, le pavillon portugais est encore l'un des plus gracieux qu'ait fait surgir l'Exposition.

La décoration intérieure, une pièce merveilleuse de goût, est entièrement due à M. Raphaël Bordallo Pinheiro, le grand artiste portugais, qui a su mettre chaque chose en son plan et marquer le moindre coin d'une note particulière qui est comme l'esprit des produits exposés. M. Bordallo Pinheiro dirige en Portugal, la grande fabrique nationale de faïences de Caldas da Rainha, qui fait revivre la vieille céramique portugaise. Il a non seulement groupé dans une partie du pavillon de quai d'Orsay quelques-unes des pièces de cette importante manufacture afin de montrer un ensemble du travail qui s'y fait mais, comprenant tout le parti qu'il pouvait tirer de ces pièces d'art au point de vue décoratif, il en a disséminé un grand nombre dans les diverses salles du pavillon, où elles mettent l'éclat de leurs couleurs délicates et repoussent les yeux par la pureté de leurs formes.

La garde du pavillon a été confiée à des gardes-forêt portugais, coiffés d'un large chapeau de feutre, vêtus d'une large tunique grise, la culotte de gros drap serrée dans de hautes guêtres.

En entrant dans le pavillon par la borne même de la Seine, on se trouve tout d'abord dans une salle où sont exposés les vins de Porto et les vins de Madère. Des manequins, grandeur naturelle, nous font connaître les pittoresques costumes des paysans de ces deux villes portugaises et, sur les parois, dans des encadrements de draperie, nous apercevons Porto et Madère avec leurs escarpements ensoleillés.

La salle de droite donnant sur la Seine a été réservée à l'exposition des forêts. Là est exposé tout ce qui se rattache à l'industrie du bois et à ses dérivés: la chasse, la vannerie, etc.

Toujours au rez-de-chaussée, nous trouvons les produits des mines, la collection des marbres de Portugal et une collection d'ensemble des pièces les plus curieuses de la manufacture nationale de faïences de Caldas da Rainha.

Au premier étage a été disposée l'exposition des colonies portugaises, riche en produits divers et en documents ethnographiques, dont la plupart proviennent du Musée des colonies de Lisbonne et de la Société royale de géographie.

Dans l'annexe, reliant le pavillon portugais au palais de l'alimentation, se trouve la grande exposition de vins et d'huiles, organisée par l'Association royale d'agriculture de Lisbonne. Autour de cette annexe circule une galerie couverte de vignes, du plus curieux effet. Les balcons de cette galerie sont drapés avec des étoffes multicolores et ornés de grandissimes jets décoratifs en faïence. A signaler dans cette salle de belles reproductions d'artefacts du style arabe.

Nous avons dit que l'honneur de la décoration du pavillon portugais revenait à M. Raphaël Bordallo Pinheiro. Il servit injuste de ne pas complètement également les membres du comité d'organisation de la section portugaise qui se sont dépensés, sans compter, depuis plusieurs mois pour donner à cette exposition le relief qu'elle possède.

Ce comité, à la tête duquel se trouve M. le conseiller Mariano Cyrillo de Carvalho, ancien ministre des finances du Portugal, compte dans son sein de nombreuses personnalités de la colonie portugaise, dont les sympathies pour notre pays sont des plus chaudes. Le secrétaire du comité est notre aimable confrère, M. Mariano Pina, directeur de l'illustration portugaise, dont l'activité ne s'est pas démentie depuis la période si difficile du début, jusqu'au jour de l'inauguration, et qui goûte aujourd'hui la joie d'avoir associé son nom à une oeuvre utile à son pays.

Escreve o Matin:

L'inauguration du pavillon portugais.

M. Carnot avait été reçu avant-hier par le comité de l'exposition portugaise. Hier, les commissaires

avalent invité, au pavillon, tous leurs compatriotes résidant à Paris, les amis du Portugal et la presse à admirer le bon goût et l'exquise ornementation de leur exposition.

Un lunch était servi dans le hall, et on y a dégusté des crus hors de pair. Porto, Madère, Malvoisie, coulaient à flots, tandis qu'un excellent orchestre faisait entendre l'air national portugais et la *Marseillaise*.

L'architecture du pavillon, bâti sur la berge même de la Seine, est des plus gracieuses et des plus riches. Mais le décorateur a encore surpassé l'architecte. Il a tiré des deux principaux produits du pays, le vin et la pêche, des motifs d'une riante originalité. Ce ne sont que treilles, que grappes de raisin disposées de la manière la plus pittoresque, tandis que les galeries sont ornées de filets de pêche garnis de poissons multicolores en faïence émaillée.

Le pavillon portugais sera l'un des grands attraits des annexes de l'Exposition.

Lê-se no *Brasil*, hebdomadário que se publica em Paris, sob a direcção do nosso distincto collega dr. Argollo Ferrão:

Três réus le pavillon portugais du quai d'Orsay où les vins renommés de Porto et de Madère, de Colares et de Setúbal, de Muscatel et de Buellas, rivalisent avec les collections des produits forestiers et des mines, des articles appartenant à la riche collection de la Société de Géographie de Lisbonne, et les plus délicates faïences artistiques de la fabrique de Caldas-da-Rainha, fondée en 1884, par M. Bordinho-Pinho, dans le but de faire renaitre la vieille céramique portugaise.

L'exposition des colonies portugaises, organisée par M. Luiz d'Andrade-Corvo, conservateur du musée des colonies de Lisbonne, avec le concours de M. Lezama, est aussi très complète et dénote les immenses ressources qu'a le Portugal dans ses possessions d'outre-mer.

Ce pavillon est l'œuvre de l'architecte français M. Hermant, qui a pleinement réussi à reproduire dans sa construction l'architecture portugaise du dix-huitième siècle; il occupe une surface de 500 mètres carrés et se compose d'un rez-de-chaussée, de deux étages, et d'une tour de 33 mètres de hauteur où flotte le drapeau bleu et blanc de Portugal.

L'inauguration du pavillon portugais a eu lieu le 10 courant. M. Carnot, président de la République, ayant été reçu en cette occasion par MM. le comte de Valbom, ministre plénipotentiaire de S. M. le Roi de Portugal, vicomte de Melicio, président de la commission de Lisbonne; vicomte de Azevedo-Ferreira, et Gerardo Augusto Pery, membres du Comité portugais, qui a collaboré aux travaux du pavillon, et Mariano-Pina, notre distingué confrère de l'ILLUSTRAÇÃO, et secrétaire général du dit comité.

Lê-se na *Gazette diplomatique*:

Le pavillon de Portugal

Parmi les nombreux pavillons étrangers disséminés dans l'Exposition, il en est un qui attire particulièrement les regards des visiteurs par sa forme gracieuse, sa couleur crue, se détachant nettement de tout ce qui l'entoure. C'est le pavillon du Portugal, inauguré la semaine dernière par le Président de la République.

Le pavillon du Portugal est situé sur le bord de la Seine, près du pont de l'Alma. Il a été construit par un architecte français, M. Hermant.

La décoration intérieure, une merveille de goût, est l'œuvre d'un grand artiste portugais, M. Raphaël Bordinho-Pinho, qui dirige en Portugal la grande fabrique nationale de faïences de Caldas da Rainha, correspondant à notre manufacture de Sèvres comme célébrité. Du reste, le public peut se rendre compte de la variété et de la valeur des objets produits par cette manufacture, car M. Bordinho-Pinho a groupé ses plus jolis modèles dans une partie du pavillon du Portugal, et pour montrer tout le parti décoratif que l'on pouvait en tirer, il a disséminé à droite et à gauche des pièces détachées qui se marient agréablement à l'ensemble de l'exposition.

En visitant rapidement le pavillon, on remarque, en entrant par la porte de la berge, une salle où sont exposés les vins de Porto et les vins de Madère. Des mannequins grandeur nature représentent

les pittoresques costumes des paysans de ces deux villes.

A droite, une salle a été réservée à l'exposition des forêts.

À côté, les produits des mines, les collections de marbres et un ensemble curieux des produits de la manufacture nationale des faïences de Caldas da Rainha.

Montons au premier étage; là, c'est surtout l'exposition des colonies portugaises. On y remarque des collections des plus curieuses qui ont été prêtées par les différents musées de Lisbonne et des colonies.

Au deuxième étage, car il y a un deuxième étage, est une exposition de produits alimentaires et d'objets divers qui n'ont pu être classés dans les grandes catégories.

Redescendons au rez-de-chaussée, ou plutôt regardons le rez-de-chaussée du premier étage, car on a ménagé à hauteur de l'étage une galerie où sont drapées des étoffes multicolores et qui fait tout le tour du bâtiment. Le plafond de cette galerie est formé de treilles où courent des pampres de vignes; on se croirait transporté dans le plus beau vignoble de Porto ou de Madère. Les murs sont recouverts de grands sujets décoratifs en faïence du meilleur effet.

Certes, M. Raphaël Bordinho-Pinho a eu une grande part pour l'organisation du pavillon du Portugal, la plus grande, pouvons-nous ajouter; mais il serait injuste de ne pas reconnaître qu'il a été puissamment aidé par les membres du comité d'organisation, qui se sont, eux aussi, donné beaucoup de mal.

À la tête de ce comité, se trouve M. le conseiller Mariano Cyrillo de Carvalho, ancien ministre des finances du Portugal. Le secrétaire du comité est un de nos plus aimables confrères, M. Mariano Pina, directeur de l'ILLUSTRAÇÃO portugaise. Les autres membres sont des personnalités dont les sympathies pour notre pays sont des plus chaudes et que nous remercions de la confiance qu'ils nous ont montrée en engageant leurs compatriotes à contribuer au succès de notre Exposition.

FERNAND LÉVY.

N'uma carta de Paris publicada no *Tempo* e assignada C. Carlos Lobo d'Avila, encontramos os seguintes períodos acerca da nossa exposição do quai d'Orsay, e acerca da modicó e triste exposição industrial portuguesa, organizada no Campo de Marte pelo sr. de Melicio, o tal *Aristocrate doublé d'un journaliste* (!) como assim se fez chamar no *Guide bleu* do *Figaro*:

Meus caros amigos:

Não são capazes de imaginar os que nunca saíram de Portugal, o prazer que se sente quando se encontra cá por fora, no meio d'esta confusão, ao mesmo tempo estranha e deslumbradora, de civilizações e d'aspectos tão diversas, um bocadinho da patria ausente. Não sei se isto é patriotismo, se é patriotice, nem quero renovar, nestas modestas cartas, escriptas à *diabie*, a polemica, ultimamente levantada no nosso parlamento, entre dois dos mais bellos talentos da nossa terra. Sei que é um sentimento sincero, irresistivel, o que nos salta, e que me não envergonho de o confessar. Não é sem um certo enternecimento e um certo orgulho, que vemos, no meio das maravilhas do Campo de Marte, sobre um elegante pavilhão em que se releva a architectura original e caracteristica dos nossos monumentos nacionaes, fluctuar alegremente a bandeira das quinas — aquella famosa bandeira que a rhetorica indigena e os arraiaes sertanejos nos fazem ás vezes ahi parecer quasi ridicula, e que aqui nos capitava e nos commove, como o symbolo amado e altivo da Patria. Riam, se quizerem, os scepticos; trocem, se quizerem, os espiritos fortes! A verdade é esta, este era o sentimento geral que dominava todos os nossos compatriotas que enchiam hontem o bello pavilhão portuguez do Quai d'Orsay.

E a este sentimento natural e instinctivo, juntava-se alli tambem a satisfação d'uma grata surpresa. Porque o não havemos de dizer! Infelizmente não estamos habituados a ver o nosso paiz figurar muito brillantemente nas exposições internacionaes. As nossas industrias não podem, em geral, competir com as industrias similhaes estrangeiras, e sobre essa inferioridade irremediavel tem calado sempre, com o peso esmagador da sua chata sem

saboria, o mau gosto mais burguez e mais desastrado com que a burocracia conselheiral, de ordinario organisadora das nossas exposições, dirige a decoração e disposição dos pavilhões e dos productos. Ainda agora, na parte industrial propriamente dita na que já está aberta ha bastante tempo, e se acha estabelecida nas grandes galerias, n'aquella sobre que paira o espirito acacial de Melicio, o conspicio, o effeito é igualmente desolador e triste. E embora alguns dos productos sejam bons, embora os pannos crús, por exemplo, recebessem premio e merecessem o elogio dos technicos, o aspecto geral é profundamente reles, d'uma banalidade e d'uma elegancia quasi afflictiva. Um vestido de noiva, que deveria deslumbra Carvazada d'Andelès, e um sacco de viagem, verdadeira maravilha pura Maçis de D. Maria, destacam-se, como duas notas medonhamente symptomaticas e forasmente agudas, no meio d'aquella grande tristeza...

Façam idos, por isto, que é uma bon e fagueira descripção, da alegre e consoladora surpresa com que entramos todos hontem no pavilhão do quasi d'Orsay, que tem constituído a admiração de nacionaes e de estranhos, e que é realmente um primor de bom gosto e de talento artistico. Encontramos alli um dos principaes organisadores da Exposição de 1889, homem de verdadeiro merecimento e de larga experiencia n'esta ordem de assumptos, e elle disse-nos que se houvesse um premio para a decoração e ornamentação dos pavilhões, esse premio seria innegavelmente concedido a Raphaël Bordinho-Pinho. Não in nisto uma amabilidade ou uma lisonja ao nosso amor proprio nacional. O pavilhão portuguez do quai d'Orsay sobressahe entre todas as installações da exposição pelo aspecto pittoresco, pelo caracter artistico, e, principalmente, por um cunho original, que o differencia profundamente do luxo banal e um pouco reles das decorações feitas pelos armadores parisienses. Ahi tem por exemplo, o pavilhão brasileiro que está rico e bem installado, onde se encontram, sobretudo entre os productos naturaes, verdadeiras preciosidades, mas o feio do pavilhão é francez, a disposição, as bambinellas, as vitrines, as prateleiras, tudo é monotonico, symmetrico, terrivelmente parecido com o de todos os outros pavilhões de todos as outras galerias.

No pavilhão portuguez não é assim; vê-se alli, não só o caracter d'um povo, mas a individualidade d'um grande artista.

E' impossivel descrever-lhes n'esta rapida carta miudamente todos os promoueres artisticos em que se revella o talento decorativo do artista que organisou a exposição portugueza. Raphaël Bordinho teve de lutar com os erros da primitiva construcção do pavilhão, com a rotina burocratica que está no sangue portuguez e que não poucos embaraços lhe causou, e com a relativa escassez dos recursos pecunarios de que dispunha. Tudo venceu: constante talento, e uma frescura, uma originalidade de inspiração artistica, que fazem a maior honra e que nos enchem ahi, a todos os seus compatriotas, de legitimo orgulho. Ao principio os operarios francezes, que viam aquelle desconhecido a transtornar tudo o que estava feito, e a dar ordens cujo alcance elles não comprehendiam, obedeciam-lhe de mau moço, e olhavam-no com desdém. Depois, o conjunto da obra artistica, em que Bordinho converteu esta installação, entrou a accentuar-se, e os francezes começaram a ver que estava ali um homem de talento. Agora não se faz ideia da admiração que Bordinho inspira a esta gente! O estofoador Allard, que arrematou a construcção do pavilhão, e que se dispunha a arrematá-lo com as suas bambinellas da rua Lafayette, emborrou, é claro, com a vinda de Bordinho. Hoje é o seu maior admirador, e a todos diz que se o nosso grande artista quizesse vir fazer trabalhos decorativos para Paris, elle se comprometteria a garantir-lhe, dentro de poucos annos, uma fortuna.

Deixem-me, antes de fechar esta carta, relembrar com uma intima satisfação, a parte activa que o *Tempo* tomou na salutar campanha, que tirou o pavilhão agricola e colonial de Portugal na exposição de Paris, das garras do melitismo indigena, e o entregou a direcção d'um grande artista. As dezenas de portuguezes, que n'este momento visitam o Campo de Marte, abençoam essa verdadeira obra patriótica, que lhes deu, no meio d'este grande espectáculo de civilisação humana, uma consoladora compensação das tristes impressões da nossa exposição industrial. Ainda não ouvimos uma voz discordante n'este côro de applausos, e mu-

Haia vista à Exposição da Avenida — o primeiro florão da corôa do sr. Visconde. O que ali se consumiu! Quanto para ali sangraram as arcas do Tesouro!...

Julgamos do nosso dever reunir n'uma pagina os retratos dos commissarios portuguezes que mais directamente intervieram na organização da secção portugueza do qual d'Orsay.

São os srs.

— Marianno de Carvalho, presidente do Comité;
— Boddallo Pinheiro;
— Gerardo Augusto Pery, que na ausencia do sr. Marianno de Carvalho resolveu d'um modo tão superior as mil difficuldades inherentes a uma tão vasta e tão complicada organização;

— Carlos Pinto Coelho de Castro, que se collocou ao lado de Boddallo Pinheiro para o conduzir em todos os trabalhos difficilissimos da instalação, em que chegaram a estar occupados cerca de cem operarios;

— Luiz d'Andrade Carvo;
— Visconde de Villar d'Allen;
— José Guilherme Macieira;
— John Andresen Junior;
— A. Murino Pina, secretario do Comité.

A ILUSTRAÇÃO não podia deixar de prestar esta sincera homenagem a quem se deve o bom exito da Exposição portugueza. Se a delenda existia em que todos se haviam abalado a tivesse fallido — não faltariam trocas, nem assosios... E' portanto justo que elles agora recebam todos os louvores que lhes são devidos, pela actividade, intelligencia e patriotismo de que deram tantas provas.

O nosso distincto collaborador Parys encarregado de nos mostrar varios aspectos das salas do rez-de-chão do palacio e annexo portuguezes do qual d'Orsay, ornamentadas por Boddallo Pinheiro.

O 1.º *croquis* representa um aspecto da exposição dos vinhos da Madeira.

O 2.º *croquis*, um aspecto da exposição dos vinhos da Delegação Vinicola do Norte.

O 3.º *croquis*, o centro da exposição dos vinhos do Porto, organizada pela Associação Commercial do Porto. Este *croquis* é indicado por *croquis* dos manequins que representam os nossos tipos da ilha da Madeira, e d'um campones do norte de Portugal, vestido com uma palhoca.

O 4.º *croquis* representa um aspecto do rez-de-chão do annexo, onde se acha instalado o balcão de provas dos vinhos portuguezes, servido por mulheres com os costumes do Minho, — e onde se acha installada a grande exposição de vinhos organizada pela Real Associação d'Agricultura de Lisboa.

Por estes *croquis* os leitores da ILUSTRAÇÃO poderão fazer uma ideia das maravilhas da decoração portugueza, devida ao bom gosto e ao grande talento artistico de Boddallo Pinheiro, — cujas fanyas tanto relevo vieram dar á nossa exposição, e tanto successo tem obtido entre os primeiros conhecedores de Paris.



A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

JULGADA PELA

IMPRESSA

QUANDO escrevemos — *Exposição portugueza* — referimo-nos somente á nossa exposição vinicola e colonial, installada por Boddallo Pinheiro no pavilhão do qual d'Orsay. De mo, do algum nos poderiamos referir a essa parodia d'exposição d'industrias portuguezas, organizada pelo tal senhor aristocrate double d'un journaliste, que se chama Visconde de Melicio, e acerca da qual escrevia o nosso collega o *Tempo*, de Lisbon, de que é director o nosso illustre amigo Carlos Lobo d'Avila: « *A nossa exposição industrial é muito menos que mediocre.* »

E' da nossa exposição portugueza do qual d'Orsay que se occupam largamente os jornaes de Paris dos dias 10, 11 e 12 de julho, relatando a visita do sr. Carnot, Presidente da Republica, ao nosso pavilhão, onde foi recebido pelos srs. Gerardo Augusto Pery, Boddallo Pinheiro, Visconde de Villar d'Allen, Carlos Pinto Coelho de Castro, Luiz d'Andrade Carvo, Marianno Pina, Andresen Junior, José Guilherme Macieira, Alfredo Mendes da Silva, Camillo de Moraes, Domingos d'Oliveira, Visconde d'Azevedo Ferreira, — e tambem pelo sr. Visconde de Melicio, que teve o impudor de vir receber o Presidente da Republica n'um pavilhão donde esse Melicio havia sido banido: que teve a audacia de querer receber honras e cumprimentos que só cabiam a Boddallo Pinheiro, e aos installadores das nossas exposições vinicola e colonial.

Este procedimento inqualificavel d'esse homem que queria monopolisar para a sua famosa *Associação Industrial*, a representação do nosso paiz no Campo de Marte, — foi vivamente e asperamente commentado por todos os portuguezes que assistiram á visita do Presidente da Republica franceza. Porque nada havia de mais revoltante do que ver esse Melicio atravessar a entrar no pavilhão do qual d'Orsay, onde elle nunca haera posto os pés, para receber as felicitações do Presidente da Republica, acerca d'uma instalação de que só cabiam louvores a Boddallo Pinheiro.

Mas o que diventa deveras as pessoas presentes, era o sr. Carnot parar diante de todas as fanyas de Boddallo Pinheiro, fazer d'ellas o maior elogio, e o Visconde de Melicio, n'um francez digno de pulmatoria, não saber dar a menor explicação acerca das nossas fanyas nacionaes, nem da fabrica das *Caldas da Rainha*!... De modo que o sr. Carnot teve de abandonar este *cicerone* official, chamado Melicio, e chamar para o seu lado Boddallo Pinheiro e o sr. Gerardo Pery, para o acompanharem na sua visita ás outras salas do pavilhão!...

E apesar d'este diploma d'inepticidade passado pelo sr. Carnot, — Melicio ainda teve o arripio de entrar na sala do *Comité*, e de beber á saude da Franca, levando aos beiços um copo de precioso Porto, — d'esse vinho do Porto que elle queria excluir da exposição de Paris, para só mostrar aos francezes o que nós fabricamos no dominio do chinello d'orello e do barrete de dormir!...

Asseguintes noticias alludem pois ao nosso pavilhão do qual d'Orsay installado por Boddallo, e que foi solemnemente inaugurado no dia 10 de julho findo.

Basta ver o que escreveram o *Soleil*, jornal de que é director o sr. Eduardo Hervé, membro da Academia Franceza, e o *Matin*, um dos jornaes mais lidos de Paris, para os nossos leitores fixarem uma ideia dos termos em que fallou a imprensa franceza do nosso pavilhão.

Escreve o *Soleil*:

Le pavillon portugais à l'Exposition

A quelques pas du pont de l'Alma, sur le qual d'Orsay, un superbe pavillon de style Louis XV détache sa silhouette blanche sur le flou ou baignent ses assises. Au faite de la tour qui domine le pavillon, flotte au vent le drapeau portugais, bleu et blanc, aux armes de la Maison de Braganca.

C'est dans ce pavillon que la section portugaise a exposé ses produits: vins, bois, objets de vannerie, denrées coloniales, minerais, marbres, faïences artistiques, etc. Ce coin de l'Exposition universelle est à coup sûr l'un des plus attrayants et sera certainement très visité et très admiré.

Le pavillon, dont la façade est en bordure de la Seine, a été construit par un architecte français, M. Hermant, qui a cherché à reproduire l'architecture portugaise du XVIII^e siècle. Peut-être eût-il été préférable de choisir, parmi les nombreux monu-

ments de Portugal, des morceaux plus caractéristiques et pouvant donner un aperçu plus juste de l'architecture pittoresque de ce pays. Une reconstruction de la tour de Belem, complétée par l'adjonction du cloître des Jérônimos, eût fait connaître cette architecture du style mi-gothique, mi-arabe, auquel on a donné le nom de style manuéliste. L'annexe qui relie le pavillon portugais au palais de l'alimentation eût pu être décoré au moyen de ces plaques de faïence d'un si curieux effet sur les quintas étagées le long des collines qui bordent le Tage.

Quoi qu'il en soit, cette réserve faite, le pavillon portugais est encore l'un des plus gracieux qu'ait fait surgir l'Exposition.

La décoration intérieure, une pure merveille de goût, est entièrement due à M. Raphaël Boddallo Pinheiro, le grand artiste portugais, qui a su mettre chaque chose en son plan et marquer le moindre coin d'une note particulière qui est comme l'esprit des produits exposés. M. Boddallo Pinheiro dirige en Portugal, la grande fabrique nationale de faïences de *Caldas da Rainha*, qui fait revivre la vieille céramique portugaise. Il a non seulement groupé dans une partie du pavillon du qual d'Orsay quelques-unes des pièces de cette importante manufacture afin de montrer un ensemble du travail qui s'y fait mais, comprenant tout le parti qu'il pouvait tirer de ces pièces d'art au point de vue décoratif, il en a disséminé un grand nombre dans les diverses salles du pavillon, où elles mettent l'éclat de leurs couleurs délicates et réjouissent les yeux par la pureté de leurs formes.

La garde du pavillon a été confiée à des gardes-forêts portugais, coiffés d'un large chapeau de feutre, vêtus d'une large tunique grise, la culotte de gros drap serrée dans de hautes guêtres.

En entrant dans le pavillon par la berge même de la Seine, on se trouve tout d'abord dans une salle où sont exposés les vins de Porto et les vins de Madère. Des manequins, grandeur naturelle, nous font connaître les pittoresques costumes des paysans de ces deux villes portugaises et, sur les panneaux, dans des découpements de draperie, nous apercevons Porto et Madère avec leurs escarpements ensoleillés.

La salle de droite donnant sur la Seine a été réservée à l'exposition des forêts. Là est exposé tout ce qui se rattache à l'industrie du bois et à ses dérivés: la chasse, la vannerie, etc.

Toujours au rez-de-chaussée, nous trouvons les produits des mines, la collection des marbres de Portugal et une collection d'ensemble des pièces les plus curieuses de la manufacture nationale de faïences de *Caldas da Rainha*.

Au premier étage a été disposée l'exposition des colonies portugaises, riche en produits divers et en documents ethnographiques, dont la plupart proviennent du Musée des colonies de Lisbonne et de la Société royale de géographie.

Dans l'annexe, reliant le pavillon portugais au palais de l'alimentation, se trouve la grande exposition de vins et d'huiles, organisée par l'Association royale d'agriculture de Lisbonne. Autour de cette annexe circule une galerie couverte de vignes, du plus curieux effet. Les balcons de cette galerie sont drapés avec des étoffes multicolores et ornés de grands sujets décoratifs en faïence. A signaler dans cette salle de belles reproductions d'*azulejos* du style arabe.

Nous avons dit que l'honneur de la décoration du pavillon portugais revenait à M. Raphaël Boddallo Pinheiro. Il serait injuste de ne pas complimenter également les membres du comité d'organisation de la section portugaise qui se sont dépensés, sans compter, depuis plusieurs mois pour donner à cette exposition le relief qu'elle possédait.

Ce comité, à la tête duquel se trouve M. le conseiller Marianno Cyrillo de Carvalho, ancien ministre des finances du Portugal, compte dans son sein de nombreuses personnalités de la colonie portugaise, dont les sympathies pour notre pays sont des plus chaudes. Le secrétaire du comité est notre aimable confrère, M. Marianno Pina, directeur de *l'Illustration portugaise*, dont l'activité ne s'est pas démentie depuis la période si difficile du début, jusqu'au jour de l'inauguration, et qui goûte aujourd'hui la joie d'avoir associé son nom à une œuvre utile à son pays.

Escreve o *Matin*:

L'inauguration du pavillon portugais.

M. Carnot avait été reçu avant-hier par le comité de l'exposition portugaise. Hier, les commissaires

aviam inviti, au pavillon, tous leurs compatriotes résidant à Paris, les amis du Portugal et la presse à admirer le bon goût et l'exquise ornementation de leur exposition.

Un lunch était servi dans le hall, et on y a dégusté des crus hors de pair. Porto, Madère, Malvoisie, coulaient à flots, tandis qu'un excellent orchestre faisait entendre l'air national portugais et la *Marsceline*.

L'architecture du pavillon, bâti sur la berge même de la Seine, est des plus gracieuses et des plus riches. Mais le décorateur a encore surpassé l'architecte. Il a tiré des deux principaux produits du pays, le vin et le pèche, des motifs d'une riante originalité. Ce ne sont que troilles, que grappes de raisin disposées de la manière la plus pittoresque, tandis que les galeries sont ornées de filets de pèche garnis de poissons multicolores en faïence émaillée.

Le pavillon portugais sera l'un des grands attraits des annexes de l'Exposition.

Lê-se no Brasil, hebdomadário que se publica em Paris, sob a direcção do nosso distincto collega de Argollo Ferrão:

Três réus pavillon portugais du qual d'Orsay ou les vins renommés de Porto et de Madère, du Colares et de Setúbal, de Muscatel et de Bucellas, rivalisent avec les collections des produits forestiers et des mines, des ardoises appartenant à la riche collection de la Société de Géographie de Lisbonne, et les plus délicates fèves arcaïques de la fabrique de Caldas da Rainha, fondée en 1884, par M. Bordallo-Pinheiro, dans le but de faire renaitre la vieille céramique portugaise.

L'exposition des colonies portugaises, organisée par M. Luiz d'Andrade Corvo, conservateur du musée des colonies de Lisbonne, avec le concours de M. Lezama, est aussi très complète et dénote les immenses ressources qu'a le Portugal dans ses possessions d'outre-mer.

Ce pavillon est l'œuvre de l'architecte français M. Hermant, qui a pleinement réussi à reproduire dans sa construction l'architecture portugaise du dix-huitième siècle; il occupe une surface de 500 mètres carrés et se compose d'un rez-de-chaussée, de deux étages, et d'une tour de 35 mètres de hauteur où flotte le drapeau bleu et blanc de Portugal.

L'inauguration du pavillon portugais a eu lieu le jour même, M. Carnot, président de la République, ayant été reçu en cette occasion par MM. le comte de Valdom, ministre plénipotentiaire de S. M. le Roi de Portugal, vicomte de Melício, président de la commission de Lisbonne; vicomte de Azevedo-Ferreira, et Gerardo Augusto Pery, membres du Comité portugais, qui a collaboré aux travaux du pavillon, et Mariano Pina, notre distingué confrère de la Illustração, et secrétaire général du dit comité.

Lê-se na Gazete diplomática:

Le pavillon de Portugal

Parmi les nombreux pavillons étrangers disséminés dans l'Exposition, il en est un qui attire particulièrement les regards des visiteurs par sa forme gracieuse, sa couleur crue, se détachant nettement de tout ce qui l'entoure. C'est le pavillon du Portugal, inauguré la semaine dernière par le Président de la République.

Le pavillon du Portugal est situé sur le bord de la Seine, près du pont de l'Alma. Il a été construit par un architecte français, M. Hermant.

La décoration intérieure, une merveille de goût, est l'œuvre d'un grand artiste portugais, M. Raphael Bordallo Pinheiro, qui dirige en Portugal la grande fabrique nationale de faïences de Caldas da Rainha, correspondant à notre manufacture de Sévres comme célébrité. Du reste, le public peut se rendre compte de la variété et de la valeur des objets produits par cette manufacture, car M. Bordallo Pinheiro a su grouper ses plus jolies modèles dans une partie du pavillon du Portugal, et pour montrer toute la variété de l'art on pouvait en tirer, il a disséminé à droite et à gauche des pièces détachées qui se marient agréablement à l'ensemble de l'exposition.

En visitant rapidement le pavillon, on remarque, en entrant par la porte de la berge, une salle où sont exposés les vins de Porto et les vins de Madère. Des mannequins grandeur nature représentent

les pittoresques costumes des paysans de ces deux villes.

A droite, une salle a été réservée à l'exposition des forêts.

A côté, les produits des mines, les collections des merbres et un ensemble curieux des produits de la manufacture nationale des faïences de Caldas da Rainha.

Montons au premier étage; là, c'est surtout l'exposition des colonies portugaises. On y remarque des collections des plus curieuses qui ont été prêtées par les différents musées de Lisbonne et des colonies.

Au deuxième étage, car il y a un deuxième étage, est une exposition de produits alimentaires et d'objets divers qui n'ont pu être classés dans les grandes catégories.

Redescendons au rez-de-chaussée, ou plutôt regardons le rez-de-chaussée du premier étage, car on a même la hauteur de l'étage une galerie où sont drapées des étoffes multicolores et qui fait tout le tour du bâtiment. Le plafond de cette galerie est formé de troilles où courent des pampres de vignes; on se croirait transporté dans le plus beau vignoble de Porto ou de Madère. Les murs sont recouverts de grands sujets décoratifs en faïence du meilleur effet.

Certes, M. Raphael Bordallo Pinheiro a eu une grande part pour l'organisation du pavillon du Portugal, la plus grande, pouvons-nous ajouter; mais il serait injuste de ne pas reconnaître qu'il a été puissamment aidé par les membres du comité d'organisation, qui se sont, eux aussi, donné beaucoup de mal.

A la tête de ce comité, se trouve M. le conseiller Mariano Cyrillo de Carvalho, ancien ministre des finances du Portugal. Le secrétaire du comité est un de nos plus aimables confrères, M. Mariano Pina, directeur de l'illustration portugaise. Les autres membres sont des personnalités dont les sympathies pour notre pays sont des plus chaudes et que nous remercions de la confiance qu'ils nous ont montrée en engageant leurs compatriotes à contribuer au succès de notre Exposition.

FERNAND LERKING.

N'importe, car de Paris, publiée au *Tempo* e assignada C. (Caldas da Rainha) encontramos as seguintes palavras acerca do nosso pavilhão do qual d'Orsay, e de cerca da mediana e triste exposição industrial portuguesa, organizada no Campo de Marte pelo sr. de Melício, o tal Aristocrata doublé d'un journaliste (!) como assim se fez chamar no *Guide bleu* do Fagaro:

Meus caros amigos:

Não são capazes de imaginar os que nunca sabiam de Portugal, o prazer que se sente quando se encontra cá por fora, no meio desta confusão, ao mesmo tempo estranha e delirante, de civilizações e d'aspectos tão diversos, um bocadinho da patria ausente. Não sei se isto é patriotismo, se é parietice, nem quero renovar, nestes modestos cartões, escriptas a do diabo, a polémica, ultimamente levantada no nosso parlamento, entre dois dos mais bellos talentos da nossa terra. Sei que é um sentimento sincero, irresistível, o que nos salta, e que me não envergonho de o confessar. Não é sem um certo internecimento e um certo orgulho, que vemos, no meio das maravilhas do Campo de Marte, sobre um elegante pavilhão em que se releva a architectura original e caracteristica dos nossos monumentos nacionaes, fluctuar alegremente a bandeira das quinas — aquella famosa bandeira que a rhetorica indigena e os arcaicos sermões nos fazem de vezes ahi parecer quasi ridicula, e que aqui nos cativa e nos commove, como o symbolo amado e activo da Patria. Riam, se quizerem, os scepticos; trocem, se quizerem, os espiritos fortes! A verdade é esta, este era o sentimento geral que dominava todos os nossos compatriotas que enchiam hontem o bello pavilhão portuguez do qual d'Orsay.

E a este sentimento natural e instinctivo, juntava-se ali também a satisfação d'uma grata surpresa. Porque o não havemos de dizer! Infelizmente não estamos habituados a ver o nosso paiz figurar muito brilhantemente nas exposições internacionais. As nossas industrias não podem, em geral, competir com as industrias similantes estrangeiras, e sobre essa inferioridade irremediavel tem cahido sempre, como peso esmagador da sua chata sem

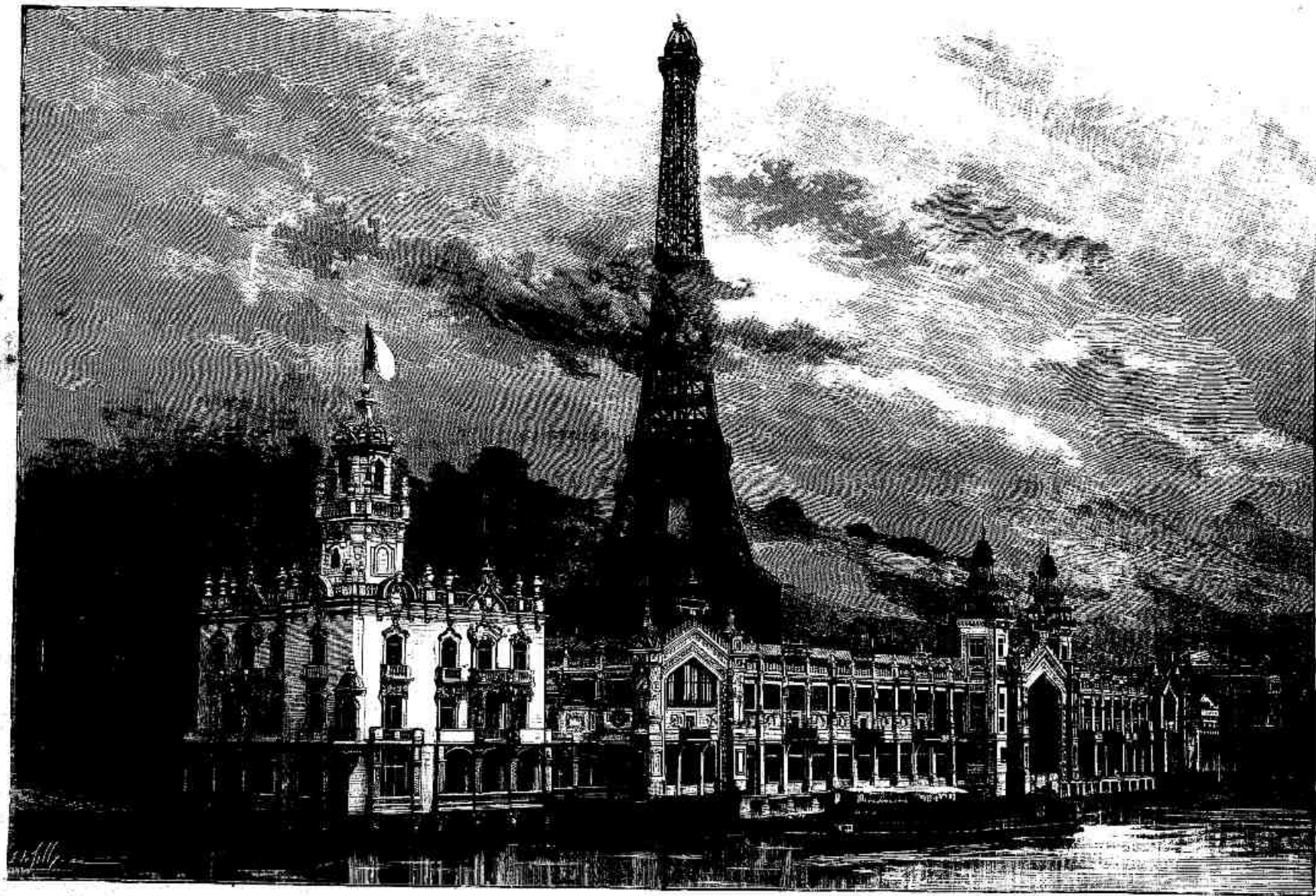
aborio, o mau gosto mais burguez e mais desastrado com que a burocracia conselheira, de ordinario organisadora das nossas exposições, dirige a decoração e disposição dos pavilhões e dos productos. Ainda agora, na parte industrial propriamente dita na qual já está aborba ha bastante tempo, e se acha estabelecida nas grandes galarias, n'aquella sobre que paies o espirito accedid de Melício, o conspicio, o effeito é igualmente desolador e triste. E embora alguns dos productos sejam bons, embora os paianos crês, por exemplo, recebessem premio e merecessem o elogio dos technicos, o aspecto geral é profundamente reles, d'uma banalidade e d'uma elegancia quasi afflictiva. Um vestido de noiva, que deveria delustrar Carraceda d'Antões, e um sacco de viagem, verdadeiro matouilha para Maçãs de D. Maria, destacam-se, como duas notas medonhamente symptomaticas o ferozmente agudas, no meio d'aquella grande triateza...

Fagamos, por isto, que é uma boa e fagueira descripção, da alegre e consoladora surpresa com que encontramos todos hontem no pavilhão do qual d'Orsay, que tem constituido a admiração de nacionaes e de estranhos, e que é realmente um primer de bom gosto e de talento artistico. Encontramos ali um dos principaes organisadores da Exposição de 1889, homem de verdadeiro mercenismo e de larga experiencia n'esta ordem de assumptos, e elle disse-nos que se houvesse um premio para a decoração e ornamentação dos pavilhões, esse premio seria innegavelmente concedido a Raphael Bordallo Pinheiro. Não ha n'isto uma amabilidade ou uma lisonja ao nosso amor proprio nacional. O pavilhão portuguez do qual d'Orsay sobrealha entre todas as installações da exposição pelo aspecto pittoresco, pelo caracter artistico, e principalmente, por um cunho original, que o differencia profundamente do luxo banal e um pouco reles das decorações feitas pelos armadores parisienses. Ahi tem por exemplo, o pavilhão brasileiro que está rico e bem installado, onde se encontram, sobretudo entre os productos naturaes, verdadeiras preciosidades, mas o feito do pavilhão é francez, a disposição, as bambolindas, as vitrines, as prateleiras, tudo é monotono, symetrico, terrivelmente parecido com o de todos os outros pavilhões de todos as outras galarias.

No pavilhão portuguez não é assim; vê-se ali, não só o caracter d'um poço, mas a individualidade d'um grande artista.

E' impressionante descrever-lhes n'esta rápida carta mudamente todos os promanços artisticos em que se revella o talento decorativo do artista que organizou a exposição portugueza. Raphael Bordallo teve de lutar com os erros da primitiva construção do pavilhão, com a rotina burocratica que está no sangue portuguez e que não poucos embaraços lhe causou, e com a relativa escassez dos recursos pecuniarios de que dispunha. Tudo venceu com tanto talento, e uma frescura, uma originalidade de inspiração artistica, que fazem a maior honra e que nos enchem aqui, a todos os seus compatriotas, de legitimo orgulho. Ao principio os operarios francezes, que viam aquelle desconhecido a transtornar tudo o que estava feito, e a dar ordens cujo alcance elles não comprehendiam, obedeciam-lhe de mau modo, e olhavam-no com desdém. Depois, o conjução da obra artistica, em que Bordallo converteu esta installação, entrou a accentuar-se, e os francezes começaram a ver que estava ali um homem de talento. Agora não se faz ideia da admiração que Bordallo inspira a esta gente! O estofador Allard, que arremetia a construção do pavilhão, e que se dispunha a arremetê-lo com as suas bambolindas da rua Lafayette, embriou-se, é claro, com a vinda de Bordallo. Hoje é o seu maior admirador, e a todos diz que se o nosso grande artista quizesse vir fazer trabalhos decorativos para Paris, elle se comprometteria a garantilhe, dentro de poucos annos, uma fortuna.

Doizem-me, antes de fechar esta carta, relembrar com uma intima satisfação, a parte activa que o *Tempo* tomou na salutar campanha, que tirou o pavilhão agrícola e colonial de Portugal na exposição de Paris, das garras do melicismo indigena, e o entregou a direção d'um grande artista. As dezenas de portuguezes, que n'este momento visitam o Campo de Marte, abençoam essa verdadeira obra patriótica, que lhes deu, no meio d'este grande espectáculo de civilização humana, uma consoladora compensação ás tristes impressões da nossa exposição industrial. Ainda não ouvimos uma voz discordante n'este côro de applausos, e mul-



Palácio português

PORTUGAL EM PARIS. — O palácio português do Quai d'Orsay, visto do lado do SENA.

Palácio dos productos alimentícios.



LUIZ D'ANDRADE COMVO
Director do Museu colonial.



VISCONDE DE VILLAN D'ALLEN
(Delegação vinícola do Norte.)



CARLOS PINTO COELHO
(Real Associação d'Agricultura.)



R. BODALLO PINHEIRO
Director da Fabrica de Fayanças
das Caldas da Rainha.



MARIANO C. DE CARVALHO
PRESIDENTE DO COMITÊ.



GERARDO AUGUSTO PERY
(Real Associação d'Agricultura
Thesoureiro do Comité.)



J. GUILHERME MACIEIRA
Secretario da R. Associação d'Agricultura.



MARIANO PINA
Secretario do Comité.



J. ANDRESEN JUNIOR
(Associação commercial do Porto.)

COMMISSARIOS PORTUGUEZES ORGANISADORES DO PAVILHÃO DO QUAI D'ORSAY

tos dos que ahí defendiam a rotina e a conselheirice são aqui dos mais exaltados nas censuras à nossa triste exposição industrial e dos mais coloridos nos elogios ao nosso bello pavilhão. Mas vale tarde do que nunca! Afinal todos nos fizemos justiça, e se ha por ahí ainda alguém que accreditte no genio de Mellico, pedimos-lhe a fúria de vir a Paris desenganar-se!

Lê-se na América: o jornal do nosso distincto collega Sant'Anna Nery, jornal fundado em Paris para defender exclusivamente os interesses do Brazil:

Le Portugal à l'Exposition.

C'était fête mercredi dernier au pavillon portugais du quai d'Orsay. A 2 heures, le comité recevait un millier d'invités appartenant à la colonie portugaise et à la colonie brésilienne de Paris, ainsi qu'à la presse. La veille, M. Carnot, président de la République, avait honoré de sa présence, le pavillon du pont de l'Alma.

Le président du comité, le conseiller Mariano-Cyrillo de Carvalho, ancien ministre des finances du royaume, était absent; il est parti pour Lisbonne, d'où il doit revenir avec sa famille. Mais tous les autres membres du comité se trouvaient à leur poste: M. le lieutenant-colonel Gerardo A. Pery, le vicomte d'Azevedo Ferreira, Bortallo Pinheiro, Camillo de Moraes, Domingos d'Oliveira, J. G. Macieira, L. d'Andrade-Corvo, Mariano Pina, le vicomte de Villar d'Allen, etc.

Le pavillon sans les annexes, occupe une surface de 500 mètres carrés. Il a été construit sur les plans de M. Hermant, architecte français, qui a cherché à reproduire quelques-unes des grandes lignes et de l'ornementation qui caractérisent l'architecture portugaise au XVIII^e siècle, alors que le gothique fleurit de l'époque de Dom Emmanuel avait déjà cédé le pas aux florissantes pompes des Jésuites. Il se compose d'un rez-de-chaussée, de deux étages et d'une tour de 35 mètres de haut, le tout avec une belle façade sur la Seine.

Tandis que l'entreprise du pavillon et de l'annexe a été confiée à M. Jules Allard, toute la décoration artistique de l'annexe, de même que la décoration et l'ornementation si sobres du pavillon, est due à M. Raphaël Bortallo-Pinheiro, le grand artiste portugais qui s'est surpassé dans cette occasion.

Non seulement il a présidé à tout l'arrangement de la section, mais encore c'est de la fabrique de faïences, fondée par lui à Caldas da Rainha, que sont sortis les carreaux hispano-arabes du bar de dégustation, les tuiles vertes vernies qui couvrent les toits du bar et le centre du rez-de-chaussée, et les grandes pièces décoratives en faïences qui donnent à tout le pavillon un cachet si original.

Lê-se no jornal de Barcelona, Los Negocios:

Inauguração do pabellon de Portugal.

Debu seguir enumerando estas festas a medida que tenho lugar; varias se han produzido en la quincena.

De todas ellas a mais importante ha sido a del pabellon de Portugal, situado frente al Sena, con tres entradas, una da al pabellon de la Alimentación.

Esta obra architectonica que dá uma excellente idea del arte portuguez del siglo pasado, ha sido ejecutada por el architecto francés señor Hermant. La vecindad del rio parece dar mayor realce a los adornos elegantes de esta construcción enteramente blanca, en la que no se encuentra ninguna escultura de otro color.

Indudablemente Portugal podia haber presentado otro tipo tan personal como el que vemos en la Exposición de 1889; no le faltan restos históricos de la arquitectura nacional en siglos pasados; y sin criticar esta obra, por el contrario, digna de elogio, me parece que en sus riquezas architectonicas tan numerosas, podian haber elegido otro estilo. Esta es cuestion de gusto, y cada cual tiene el suyo; por esta soia razón me permito expresar mi sentimiento.

Desde que esta opinion no ha sido la de los organizadores de esta exposición portuguesa, debe la critica limitarse a lo que ve, y como lo que ve es bueno, resulta que debe felicitar a la delegación de Portugal.

El pabellón ocupa una superficie de 500 metros cuadrados, se compone de un piso bajo, de dos pisos en alto y de una torre de 35 metros de altura. Como anexo, tiene al costado del lado del Pabellón Internacional de la Alimentación, una galería de dos pisos cubierta con un velum, bajo el cual corren las parras, dando a esta exposición un carácter campestre de lo mas pintoresco.

Penetrando en el pabellón, por este lado, que respira alegría y prosperidad, porque si la decoración es alegre, los productos expuestos son numerosos y buenos, el visitante sale a una sala llena de vinos de Oporto, que comunica por uno de sus costados con la sala de los productos de los bosques, por otro costado con la exposición de minería, mármoles, etc., por otro, en fin, con la sala de vinos de Madera.

En el primer piso del pabellón, hallamos: la exposición de las Colonias, con sus curiosidades exóticas, que dan un color local a estas galerías; la exposición de la Sociedad de Geografía de Lisboa.

El último piso contiene la exposición de productos agrícolas coloniales, las conservas, aguas minerales y licores.

Por todas partes se encuentra la traza del gusto delicado y artístico del que ha dirigido el adorno interior de este pabellón, señor Bortallo Pinheiro. El artista y colega distinguido, nos ha presentado con profusión los artículos de la fábrica de Caldas da Rainha, fundada por él en 1884; azulejos género hispano-árabe, tejas verdes barnizadas, grandes y pequeñas piezas decorativas, cubren paredes y techos en disposiciones variadas que lejos de cansar, atraen siempre al visitante.

Indudablemente esta exposición es bastante importante bajo todos los puntos de vista, para merecer un estudio detenido, de modo que será el tema de un artículo especial, en el que trataré de presentar al lector todos los objetos de mayor interés que figuran en la exposición de Portugal.

Antes de terminar este artículo de presentación, debo señalar los nombres de los organizadores, señores Gerardo Augusto Pery, Mariano Pina, visconde de Villar d'Allen, Andresen Junior, Outeiro Ribeiro, Pedro Roberto da Silva, Rafael Bortallo Pinheiro, Luis d'Andrade Corvo, Lezameta, Carlos Pinto Coelho de Castro, José Guilherme Macieira, Carlos Campo y Julio Palmeirim, presididos por el señor Consejero Mariano Cyrillo de Carvalho, antiguo ministro de Hacienda del reino de Portugal.

L. ALBERTINI.

Como se vê pelo que deixamos transcripto, a opinião de todo a imprensa é que o nosso pavilhão está maravilhosamente instalado, graças ao talento de Bortallo-Pinheiro, e que as nossas secções agrícola e colonial são notabilissimas, obtendo os applausos do publico, e merecendo dos jurys internacionais as mais elevadas recompensas.

E era isto justamente que o sr. Visconde de Mellico não queria que viesse a Paris: — nem faianças das Caldas da Rainha, nem vinhos, nem artigos coloniales! Já se vê agora a razão d'esta teimosia, d'este crime de lesa-pátria... E' que as faianças, os vinhos e os artigos coloniales, deixavam na sombra toda a quinquilharia e toda a patacoada pseudo-industrial de que Mellico se fez o apostolo, — para ao voltar de Paris se dar ares d'homem importante nas elevadas regiões da politica e da burocracia portugueza...

Pobre sr. Mellico!... *Quantum mutatus ab illo!*... Agora só latim é que lhe vale a caracter, — porque o latim é o que mais chéira a defunctos!...

IDEAL MODERNO

RESPOSTA AOS PRÉSIMISTAS

O' rocha informe, ó rocha inabslavel, dura,
N'essa inconscencia larve, impudencia, obscura,
Onde entretanto existe a luz, a existe a chama,
Que aspira tu a ser, ó rocha immovel!

— Lima.

Lama, dissolução, fermentação de tudo,
Escorregadio pódre, escorregadio tudo
Onde a Vida repousa em embrião, em gérme,
Que deseja tu a ser, ó lama intecia!

— Vêrme.

E tu, filho de todo, alma de todo immundo,
Para lavar teu corpo infame e nauseabundo,
Para que a pozeirada original te dê,
O que aspira a ser, ó verme ignobil!

— Peixe.

E tu, ao vér do mar soturno, um que te banhas,
A verdura que alegra os prados e as montanhas,
Ao vér da terra o vasto e umbaloso Abril,
Que deseja tu a ser monstro do mar?

— Reptil.

E tu, grilheta viva a contemplar de rastros,
Fleuras, vagalhões, nixens, craturas, astros,
O que deseja tu em teu sonho idealista?

— A aza para o vôo e a mão para a conquista.

Quadrúmano, — gorilla, oorange, chimpanzé,
Quasi lobos no chão, quasi deuses de pó!
Ambigos animas d'olhar loco e feroz,
Anjos lúda com cruda, almas lúda sem voz,
Dize, que aspirações longínquas vos consomem:
Qual a o teu ideal, gorilla hirsuto?

— E' o homem.

E tu, da Natureza a immorrediza gloria,
Tu que em tantos milhões de seculos do historio
Conseguiste, n'um grande esforço triumphal,
Pôr a primo no globo a tua espinha dorsal,
Tu que n'esse ascender de verdades, que vai
Da moria no todo a Moysés no Sinai,
Resumiste o marchar sem fim da criação,
Tu que foste Jesus, Buddha, Mahomet, Platão,
Tu, que encarnaste em mil heroes, em mil gigantes,
Escrpto, Shakespeare, Imlas, Cervantes,
Socrates, Galileu, Newton, Darwin, Laplace,
Tu, monstro do pó, que encaras face a face
A eternidade, tu, Prometheu resolutu,
Que passas na tua vida, onde mal cabe um fructo,
Quantos mundos a arder deua arrojou no espaço,
Tu que com teu olhar, teu cerebro, teu braço,
Estravias a luz, a terra, a água, o vento,
Tu, cujo mysterio a immortal pensamento,
Inquillina fogde d'uma caverna a rir,
Enche o universo desde o sumo ao nadir,
Sabendo com o mesmo identico rigor
Como nasce um plancto ou germina uma flor;
Tu, que depois de dar coram, agita cinzeiro,
Um balanço grandioso a Natureza inteira,
Estacaste assombrado e preloxo e contrito,
Contemplando o horrôroo enigma de infânio,
Dize, dize tu, ó dobl creatura,
Em frente d'essa eterna immensidade obscura
Onde, agulha, o teu olhar é um carvão apugado,
Que é que deseja, diz! Prometheu fumilante,
Qual a tua ambição, teu ideal incoscervel?

— E' ser ou todo inerte ou rochedo impassivel!

GUERRA JUNQUEIRO.



A TRAVÉZ DE PARIS

Saudação ao Schah! — A Invasão do exotismo. — Uma opinião acerca do idioma pátrio. — Um presidente irreprehensivel. — O momento actual. — Ruidos inquietadores. — O *jeu-é-échiano* parisiense. — Um patasco. — O retrato de Boulanger por um procurador. — Como se doutros um adversario. — A Desconhecida de Marimée. — O Principe Sol.

ZING bum bum! Eis o Schah! Eu te saúdo, ó tu, que alguns mil annos depois de Agamemnon tens o topete de te intitular — *Rei dos Reis!* Em seguida ao que, permite-me que te diga, que se contas com um effeito de pasmaceira, te metes o dêdo pelo olho até o cotovello. Estás visto, Schah! E's um exotico a mais n'essa grande feira cosmopolita e, como pittoresco, prefiro-te mil vezes o pretalhão Salifou, que se diz tão coroado como tu, e que ha dias, na grande revista, arrastava na sua tribuna de Longchamps uma dentuça de gorilla capaz de pôr em debandada todo o partido republicano do seu paiz!...

Oh! o exotismo! Obsessão sinistra! O que esta exposição attrahio a Paris de angulos facies extranhos, de pelles de açafrão, de olhos obliquos, de prognathismos desmezurados, de suizas azuladas á força de pretas, e de pitilhons flamejantes onde se arregala o olho em braço dos cachuchos!... Caracas já não está em Caracas; e o *tudo Bogota* apinha-se em volta da Torre

Eifel. Estamos mongolizados até à medulla dos ossos. De toda a parte surgem raças imprevisíveis; o Anam invade-nos, lava penetra-nos, de cada porta irrompe um pakouin, a cada esquina brota um Camau, a ponto de tudo isto nos parecer naturalíssimo — de eu me sentir preparado para encontrar um Galibi no miúdo como sem experimentar a mais leve surpresa!

E esse polyglotismo indolúvel que borborinha nos ares! O Gauleil Mezenanthi daría as suas trinta e seis línguas aos cães — para me exprimir como a boa senhora de Sevigné — se quizesse perceber o que se voicou em qualquer botecoim do Campo de Marce, ou no palco de honra do Grand Hotel. E eu mesmo, que me estou dando ares de haver nascido entre a Magdalena e a praça da Opera, não contribuo por acaso com a minha nota transparytana para esse chavirir babalico que por ali retumba? Senão, que o diga a boacrestura de touca de remita este caboz enlaidado braço que ha dias me owio tagarellar no idioma que Cesar do Inno regoava, e a quem uma vizinha perguntava attonita:

— Que lingua está elle a fallar?
— *Il parle sarraque!* retorquiu ella.

Quem atravez d'este labirinto de raças e de linguagens circula com o mais impassivel desembaraço, é S. Ex. o Presidente Carnot.

O illustre chefe do Estado impõe-se a tarefa kilometrica e presidencial de percorrer a Exposição em todos os sentidos, e de a visitar em todos os seus nichos e cantos obscuros. Sobrecoado de prezo, engravado de setim, colado de alta forma (perdão, oh Bernarques!), elle vai de galeria em galeria, inexoravelmente, como o destino em peixinho e de barba toda. Elle tem paga tudo o olhar que deve ter. Elle a todos diz o que cumpre e convém dizer. A corecção ella propriamente desportante ao pé de sua *raie droite* perfumada e brilhante. A geometria preside aos movimentos do seu ante braço, as leis da mechnica regulam ou aceleram o seu andar magistral. Junte-se a isto uma engomadoleira de primeira ordem, e digam-me se se pode imaginar um presidente mais completo. Meu Deus, como elle é completo!

E talvez mesmo completo de mais... Eu, se fosse francez e republicano, desejaria um presidente um pouco mais desgremado. Esta coisa de ser impassivel apantulo em falha, nos seus deveres officies, bem como no lustre da sua camisia, acubu por agachar os nervos. Desejar-se-hia vel-o tropeçar, gaguejar, espirrar, servetinha d'um d'esses pequeninos accidentes que desapprumam um attitude, e alteram a rejexa d'uma vertical. Mas quem quer acreditar que elle nem sequer transpira? Ha dias no pavilhão do Equador (demais a mais!) por um meio-dia torrido, 36° a sombra, estava secco como um arenque. Em roda a comitiva decretava: E' um homem de primeira categoria e que ha de ir longe, so as circumstancias o favorecerem.

Favoreceu-o não as circumstancias? E' o que saberemos daqui a dois meses, quando a mammina eleitoral tiver revelado o seu segredo.

Mais uma vez a França se prepara a decidir dos seus destinos. Ninguem tal diria, não é verdade? Se não fosse essa feroz batalha dos jornaes, debate crocicante do corvo e milharis, quem adivinharia que este paiz vai em breve atravessar uma crise decisiva que o pode redimir ou anniquillar para sempre? Nada consegue perturbar a alegria invencivel d'este povo original. Os seus cuidados, os seus receios, servem-lhe para se lhes sentar em cima. Ao longe, além da fronteira, o snr. de Bismarck e o immarvel signor Crispi, furiosos com o exito da Exposição, não fazem outra coisa ha dois meses senão agitar a lata com que elles fabricam as suas trovoadas diplomaticas, e sacudir todo o seu stock de chifraes vellhos e couroas enfiadas, a fim de produzirem aquillo a que nos circulos bem informados se dá o nome de *ruidos inquietadores*.

A Bolsa, essa ingenha, acocora-se de susto immediatamente; mas Paris, desconfioso e sceptico, nem sequer da pelo chavirir infernal a que se entregam os dois massadores-múscos da politica internacional. Olhem-me para essas 200 ou 300 mil physionomias que se retemem aos domingos no campo de Marte. Em quantos se lê a preocupação, a incerteza do formidável. Amanhã que se prepara? A não ser na de M. Prud'homme que, sempre circumspecto, continua a opinar que se está dançando sobre um vulcão, eu não leio em todas ellas senão a preocupação de acabar o dia numa noite insensata, e de recommençar no dia seguinte.

Julgum que o bravo general não faz o mesmo pelo seu lado? E' preciso não esquecer esse interessante palaco, para hesitar um momento na resposta. Um amigo meu chegado de Londres veio a *L'Europe*, e diz-me que era de se lhe tirar o chapéu. O que lhe custava a comprehender e como elle tinha tempo... enenqui para escrever proclamações. E' provavel que e aquilo n'esse trabalho a bella passada loira como os trigas que o acompanhava todos os manhãs a Hyde Park. Que austero regimen para a França se está preparando! *Maquette* laudau forado d'assi, puzado por dois *stoppers* de mil libras! Mas não é tudo proclamação no *statu quo*, a esta horrivel carnificena de reponções e de caracteres, a este ignobil fusilar de injurias e de affrontas? E não devem todos os que amam este bello e ativo paiz desejar que elle se levante do tremedal onde chafurda, retomando o lugar que lhe compete no mundo — ou que definitivamente desapareça, no turbilhão da prosa, resgatando por um heroico morte os seus erros e os seus desvarios?

Ponto de vista romântico e atrazado nas modas! Eis de certo o que exclamam os *straggles-for-lives* do meu paiz. E' dahi talvez esses illustres *goussiers* tenham razão. A vida é a hora presente; ou está provado que a hora presente é divertidissima. Divirtamo-nos, com os diabos! E depois de nós, o diluvio!

Uma das coisas alegres do momento, é, por exemplo, o retrato do general Boulanger feito por esse *princiarulo* singular que Paulo de Cassagne se obsteia em designar pela letra Q... O reflectido pragmatico recommenda no seu libello a todos os rafeiros de policia que se apoderem do individuo que responder aos signaes que elle encerra. Ora nada mais comivo do que esses signaes. O snr. de Beaurepaire não se contenta com denegar o seu inimigo na opinião dos homens, quer destruido no concunio das bellas. A popularidade que o general adquiriu na grey feminina do paiz — eis o que, segundo o gorverno e a jurisprudencia, convém medir quanto antes. Sais a loira barba e os ternos olhos cor do oceano! O donzellas que, na provincia, suspiras pelo advento do vosso formoso heroe, sabe como elle é feito, segundo o photographo Beaurepaire!

A fronte, essa fronte que vós enramais de loiros anticipados — é *largu e enrugada* (sic); os cabellos são *gritinhos* e *coroados* rente; não podesis pois mergulhar n'elles as vossas mãos caridosas. A barba, aquella leonidaria barba, que valiu um exercito, e cujo simples aspecto enlouquecia as turbas — é *uma relas barba loiro-rubra*, com *galhas* nos lados, e aparada em bico; os olhos que verium o amor nas almas, são *enterrados nas orbitas* (sic e re-stio). Como signaes *particulares*, este *princiarulo* implacavel, indigita-vos um formidavel *pe de gallinha*, escarrapachando as suas bifurcações sinistras sobre as fontes do heroe; esse *pe de gallinha*, accrescenta elle cruelmente, é *muito pronunciado*. E em seguida *nem cresconito* do furor, elle vos aponta a *ruge profunda* na faces, *percego atarracado*, *andar pesado*, *cabego pendente sobre o hombro* — (sic, re-sic, tri-sic). Em menos de 90 libras, Boulanger, o brilhante cavalleiro das lithographicas d'Apinil e d'ascan-

ções de Patulus, transfigurase n'uma especie de ridiculo vegetal, tão incapaz de carregar sobre um *quadrado* prussiano, como de levar de assalto o concunio d'uma rebelde. Tais são os pontos principais do requisitorio do snr. de Beaurepaire. Por estes se pode ajuizar dos outros.

A quinzana foi escassa em novidades literarias. Não vale a pena fallar senão d'um original curioso volume, intitulado *As Cartas da Desconhecida*, editado pela livreria Ollendorff.

Todos nós nos recordamos da *sensação* que produziuahi por volta de 1873 o apparecimento das *Cartas a uma Desconhecida* de Merimée. Essa desconhecida existiu realmente? Ou foi apenas uma correspondente ideal, imaginaria, a quem o author de *Clara Gargil* confiou as penas, os despeitos, as ironias que lhe mordiam o coração? És o que nem se soube até hoje. E' mesmo agora, depois do livro recente que parece attestar a existencia da mysteriosa amiga de Merimée, quasi podera affirmar a authenticidade d'esses documentos litterarios, tão originaes na forma, tão profundos por vezes no pensamento? O mysterio continua portanto mais impensavel do que nunca; imprime um interesse picaes ao volume cuja leitura eu recommendo a todos os *goussiers* de lettras, cujo numero, merced de Deus, cresce de dia para dia em Portugal. A um amigo meu, passoa entendida no assumpto, pedi eu affirmar ha dias que já passara do duizmo e meia.

Reveresi o *Principepsal* para a fim d'achronica, mas não acreditam muito no bom que as lhas disser d'e-a pagu, flamejante como o seu titulo. Dou-me desde já por suspeito, porque morto por magias, e sobretudo pelas mais empadas. E' felição mea, não fallamos mais d'isto. Em vendo um alcapão abrir-se dando subito a uma fada ou a um macuco, um canapé transformase n'uma galga ou num palangium, um grotesco tyranno convertese subitamente n'um juneuto orelhito, sinto-me desfalecer de jubilo. Se eu lhas disser pois que a nova magica do *Chatelet* é superior ao *Macbeth*, como obra litteraria, não me acreditem, peço-lhas; mas não levem agora a desconfinha a ponto de reconhecerem admittir que ella seja do *primeiro* ao ultimo dos seus mil e um quadros um *prodigio* de luxo e de bom gosto, em accenito, decorações, vestimenta e todos os detalhes d'uma gigantescas machina como ella é. Enquanto ao enredo, supponham uma nova *Volta ao mundo* em muito mais de 80 dias, e por um caminho differente. Imaginem que se se passa por Lisboa, o que nos permite comprehender um tipo de regozos portuguez absolutamente inedito, mas não muito mais grotesco do que seria um specimen authentic transportado puxa e scena.

Como de Lisboa se salta ao mar das Indias, ao Japão, e ao planeta sol — isto é que eu me não encargo de lhas contar. Vão ver, é bem mais simples. Para lhas descrever tases deslumbramentos, seria necessario deitar o arco-iris no meu tinteiro.

Quisam poupar-me aos riscos d'esta operação!

GISS.

AS NOSSAS GRAVURAS

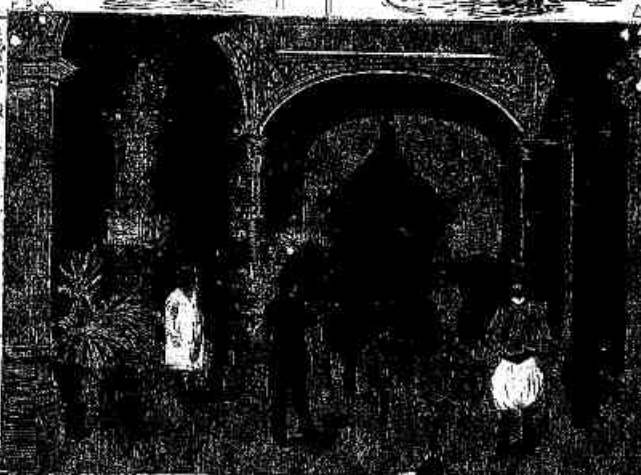
O SCHUH DA PERSIA.

MAS acima já o nosso *brithane* o endiabrado collaborador Giss se refere á vinda do famoso Schuh da Persia, S. M. Nasser-Edd-Din, — esse famoso tipo de rei de magica, carregado de ouro e pedras preciosas, e que vem do Oriente a Paris para ser o pasadello de todas as coecotas que fazem quotidianamente a Avenida das Arcades, em busca de principes russos ou de millohes negociantes de carne ensada, ou de borracha.

A primeira viagem do Schuh da Persia á Europa teve lugar em 1873. N'esse anno quam o recebeu



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS DONINGOS NO CAMPO DE MARTE.



1. Os vinhos da Madeira. — 2. Os vinhos do Porto. — 3. Exposição da Associação Commercial do Porto. — 4. O Mar de degustação (provas de vinhos).

PORTUGAL EM PAISES. — Aspecto das salas do nariz-de-chão do 1.º andar do Museu.

solemnemente em Paris foi o muralha de Mac-Mahon, unido presidente da República.

A Persia moderna, ou Iran, que vive do mar Caspio ao golfo Persico, conta cerca de 8 milhões d'habitantes. O actual vive na capital, em Teheran, rodeado de 365 favoritas — 366 nos annos bissextos... dizem as más linguas!

O REI DA GRCIA EM PARIS

No dia 21 de julho findo chegou a Paris, vindo de Aix-les-Bains onde tinha ido tomar as aguas, S. M. o rei da Grécia, — expressamente para visitar a Exposição Universal.

Desde o principio que o rei da Grécia vinha a Paris no mais rigoroso incognito. Isto queria dizer que S. M. o rei dos Hellenos não desceria do modo algum a aproximação de um Presidente da Republica, guardando assim para com a forma republicana d'este paiz a mesma reserva e o mesmo desdenho que affectam em particular outros monarchas da Europa.

Felizmente que o incognito não foi tão rigoroso como o affirmavam os inimigos da Republica, — e o rei da Grécia acceptou no dia 25 de julho o banquete que lhe foi offerecido no palacio do Elysee, pelo Sr. Carnot, presidente da Republica franceza, banquete com caracter official, a que assistio todo o ministerio francez.

O nosso retrato representa o rei Jorge no costume de general em chefe do exercito grego.

O rei da Grécia, Jorge I, nasceu no dia 22 de dezembro de 1845. E' o terceiro filho do rei Christian IX, da Dinamarca. Foi em Copenhagen que a coroa da Grécia lhe foi offerecida, por uma delegação da Assembléa nacional. Depois de a ter acceptado, prestou juramento de fidelidade a Constituição no dia 28 de setembro de 1864, constituição que havia sido elaborada n'aquelle mesmo anno.

Casou no dia 15 d'outubro de 1867, com a principessa Olga da Russia, filha do grão-duque Constantino-Nicolaievitch. D'este casamento houve seis filhos.

O rei Jorge installou-se em Paris no Hotel Bristol, da Praça Vendôme, o mesmo hotel onde estiveram ultimamente S. M. a Sr. D. Maria Pia de Saboia, e SS. AA. RR. o Principe D. Carlos de Bragança e o Infante D. Alfonso, duque do Porto.

A ESTATUA DA LIBERDADE VISTA DO SENA

No dia 4 de julho inaugurou-se em Paris, na ponta da ilha dos Cygnes, sobre o rio Sena, a redução da estatueta da Liberdade illuminando o mundo que se vê á entrada da bahia de Nova-York, — redução que foi offerecida pela colonia americana á cidade de Paris.

Esta dia 4 de julho de 1889 celebrava tambem o 113.º anniversario do dia em que as treze colonias inglesas da America do Norte se declararam independentes.

A estatueta da Liberdade é a redução exata da estatueta colossal do Sr. Bartholdi. A sua altura é de 114 cm., desde os pés até á extremidade do facho que a Liberdade segura na mão direita. O seu peso é de 110000 kilogrammas.

A estatueta custou 110000000 reis. E a installação custou 20000000 reis.

O Presidente da Republica presidiu á cerimonia d'inauguração, tendo á sua direita o sr. Whitelaw-Reid, ministro dos Estados-Unidos em Paris, e á sua esquerda o sr. Spuller, ministro dos estrangeiros de França.

A noite houve brilhantes illuminações, não só na ilha dos Cygnes e em todo o Sena, mas tambem no recinto da Exposição no Campo de Marte.

O nosso desenho é tirado do Sena, do lado d'Auteuil. Vê-se á direita a elegante silhouette da torre Eiffel, e á esquerda, junto da ponta de Grenelle a estatueta da Liberdade, e mais ao fundo o palacio do Trocadero.

E' um curioso aspecto do Sena, o que a nossa gravura reproduz, e para o qual chamamos a attenção dos nossos leitores.

OS DRAMAS DAS MINAS. — A CATASTROPHE DE SAINT-ETIENNE.

No dia 3 de julho findo uma horrivel explosão de griso declarava-se no poço de Verpilloux, da região mineira de Saint-Etienne, matando cerca de trezentos mineiros!

Imediatamente a noticia espalhou-se em Paris, deixando a população estupefata de terror, e o telegrapho annunciava a horrivel catastrophe a todos os jornaes da Europa.

E' que os dramas das minas são medonhos; e de cada vez que uma inundação ou uma explosão de

griso venha deixar na miséria tanta mulher e tanta criança, tendo dado a morte a centenas de pobres mineiros — parece que um sopro d'indignação anima as sociedades, para perguntarem aos governos quando é que elles pensarão por fim na sorte d'esses desgraçados, na sorte d'esses escravos modernos, que para procurarem o miseravel pão para si e para os seus, tem de descer ao inferno, trabalhando constantemente em fúcu do espectro da morte...

O poço de Verpilloux pertence á companhia franceza das hulhas de Saint-Etienne. Tem 480 metros de profundidade.

Trezentos operarios haviam descido pela manhã ao fundo do poço. Pouco depois declarava-se a explosão de griso, — e poucos foram os que puderam escapar a tão horroroso fim.

Apenas se teve conhecimento da medonha catastrophe, as proximidades do poço foram invadidas por uma multidão enorme que tornava quasi impossivel o serviço d'ordem e de soccorros.

Erão mulheres soluçantes, crianças soltando gritos despedaçadores, e interrogando com o olhar o abysmo fumegante onde ardiam os maridos, os paes, os irmãos...

Era um espectáculo desolador.

Os desmoronamentos consideraveis produzidos pela explosão, impediram a entrada nas galerias subterraneas. O fogo tinha attingido as proprias cavallarias dos primeiros pavimentos, onde morreram queimados sessenta cavallios! Foi pois materialmente impossivel prestar o mais leve soccorro aos desgraçados mineiros do poço de Verpilloux.

Ainda se procurou organizar soccorros descendo, por um poço vizinho, pelo poço de Saint-Louis. Mas os operarios que haviam descido por este officio tiveram logo de voltar. As aguas tinham invadido as galerias. Era pois necessario começar pelos trabalhos de esgotio, antes de continuar a exploração das galerias.

O capitão Cordier, representante do Presidente da Republica Franceza; o sr. Constant, ministro do interior; o sr. Yves Guyot, ministro das obras publicas, logo se dirigiram ao local do sinistro, para ordenar os soccorros, e levar presentes de dinheiro ás familias das victimas.

Os representantes do governo francez foram ao hospital de Saint-Etienne visitar os feridos que se puderam salvar.

Estes infelizes estavam n'um estado horroroso. Os rostos estavam completamente calcinados, e os corpos eram immensas chagas. Em seguida os ministros presentes desceram ao poço de São-Luis, a uma profundidade de 350 metros, para verificarem se os soccorros haviam sido bem dirigidos, e se as outras galerias estavam garantidas contra o incendio que continuava lavrando. Numa das galerias por onde passaram os ministros ainda jaziam por terra mais de cem cadáveres.

O nosso desenhador que tambem desceu á mina, e que era encarregado de tirar croquis para o *Monde Illustré* e para a nossa illustração, conta que a impressão que recebeu é das mais horribes e das mais dolorosas.

Os nossos dois desenhos da terrivel catastrophe de Saint-Etienne são portanto a reprodução fiel das medonhas scenas que representam.

Custa-nos devesar ter de sollicitar as paginas da nossa illustração com semelhante desolador espectáculo, — principalmente neste momento em que atravessamos um periodo alegre e descaudado com a serie das nossas gravuras acerca da Exposição de Paris.

Mas esta catastrophe causou tamanha sensação não só em França, mas em toda a Europa, que não podemos deixar de publicar esses terribes desenhos.

Possa o espectáculo de tamanha desgraça fazer com que os governos dêem um momento de attenção aos perigos a que todos os dias anda exposto esse desgraçado e esse escravo, que se chama — o mineiro...

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS OS DOMINGOS NO CAMPO DE MARTE

Todos os domingos as entradas no recinto da Exposição variam geralmente entre 200 e 300 mil, — isto é: entra mais gente no Campo de Marte, do que gente circula nas ruas de Lisboa!

O publico dos domingos e dos dias santos é um publico composto na sua maioria de operarios, de pequenos empregados publicos e de gente dos campos que rodeiam a grande capital.

Como todo este publico, que não dispõe de grandes recursos monetarios, acaba pelas jornadas que os restaurantes de dentro da Exposição são todos carissimos para os limitados recursos da sua algibeira, esta curiosa publico traz e fura todas as provisões necessarias para um ligeiro jantar *sur herbe*. E quando o canhão da torre Eiffel dá o signal das seis horas, e as galerias das industrias diversas se fecham, — formam-se os grupos: uns sentam-se nos bancos dos passeios, outros sentam-se nos taboleiros de relva, outros sentam-se em torno d'uma pedra, ou d'um caixote, e começam os alegres jantares ao ar livre, ao som do tilintar dos copos, dos gritos e dos risos das creanças, e das bandas militares que no longe entoam hymnos patrioticos.

Eis o assumpto que attrahiu um dos nossos mais brilhantes collaboradores, — assumpto que transportado para a gravura constitue a melhor lição que se pode dar aos povos tristes, do modo como o *parisienno* se diverte e disfruta da existencia.

Todos os estrangeiros invejam a felicidade dos parisienno, o seu bom humor, e a vida alegre que elles passam, ao lado da tristeza dos outros povos carregados de philosophia ou carregados de estupidéz.

Ora o segredo da felicidade dos *parisienno* está em muito pouco. O *parisienno* só pensa e só trata de si e dos seus: O *parisienno* entende que o melhor meio de dar felicidade e alegria ao mundo, é cada qual se per si procurar ser feliz e ser alegre.

Leante dos milhares de estrangeiros que invadem o Campo de Marte, um londrino, um lisboeta, ou um madrileno, difficilmente teria a coragem de se instalar ao ar livre com a mulher e os filhos, devorando um jantar que veio embrulhado em jornaes, dentro d'uma cesta de compras. Um estrangeiro que passasse por os contemplar em toda a sua franqueza, em toda a plenitude do feroz appetite — vexava-os, envergonhava-os, cortava-lhes a fome.

O *parisienno* é o contrario. A primeira pessoa orgulhosa da sua *sans façon* é ella proprio. E se o estrangeiro passa a para para o admirar, longe de se vexar, o *parisienno* pega n'um copo de vinho, n'um bocão de *whisky* ou de pão, e estendendo o braço para o estrangeiro, diz-lhe a sorrir:

— *En valetz-vous?*...

E aqui está como o *parisienno* é feliz, — e como são devesas pittorescos os domingos no Campo de Marte, quando esta multidão passa a jantar ao ar livre, para não cabir nas garras dos restaurantes...

Ahi os restaurantes da Exposição! Que horroresos preços!... Chegou-se a pensar com tristeza que talvez um dia seja preciso cada individuo ter a fortuna do sr. Marquez da Foz — para ter o direito de comer um coctelito com batatas...

AUDIÇÃO DE MUSICAS PITTORESCAS

Uma curiosa sessão musical fazendo parte dos mil e um pontos do programma d'esta asombrosa Exposição de Paris — Exposição para todos os gostos, e Exposição para toda a classe d'estudos — teve lugar no dia 4 de julho na sala das festas do Trocadero.

Tratava-se d'um concurso internacional, e d'uma audição de musicas pittorescas, reunindo os mais extravagantes instrumentos das provincias de França e dos paizes estrangeiros.

Os bretoes de Finisterre fizeram-se applaudir pelas melodias caracteristicas do paiz d'Armor. Os savyards e estamborineiros d'Arles encantaram-nos com as suas musicas nacionaes.

E outros estrangeiros tambem não alcançaram menor successo: os russos com a *balalaika* e a *ciithara*; os lautos românicos, com a *colpa* e a *frauta do Deus Pan*, de que tiram efeitos extraordinarios; os húngaros com o *cymbalum*; os hospâneos e os italianos com as guitarras e bandolins.

Só não vimos nenhuma guitarra portugueza suspirando um amoroso fadinho, — uma d'estas guitarras e um d'estes fadinhos que altas horas se ouvem nas ruas de Lisboa, e que tão agradável surpresa causam ao viajante que accorda em sobresalto, ou ao portuguez que por muitos annos esteve longe da patria.

(Uma senhora dos Açores mandara-se inscrever, para fazer ouvir um instrumento particular das ilhas, — supponho que uma variante do bandolim. Mas ignoramos a razão da sua não comparencia.)

O nosso desenhador surpreendeu com bastante felicidade os typos principaes dos artistas que tomaram parte n'este original concerto.

E são os seus croquis o que constitue a gravura que offerecemos aos nossos leitores.

BIBLIOGRAPHIA

A REVISTA DE PORTUGAL

NÃO queremos deixar passar este número da *ILUSTRAÇÃO*, sem saudar o aparecimento do 1.º volume mensal da *Revista* à frente da qual se acha o nosso illustre collaborador Eça de Queiroz, e que é editada pela casa Lugan e Genelloux do Porto.

O n.º 1 da *Revista de Portugal* que temos presente traz a data do dia 1.º de julho findo. É um volume de 180 paginas, superlucamente impresso, tendo todo o aspecto das grandes revistas francezas, como a *Revue des Deux-Mondes*, a *Nouvelle Revue*, ou a *Revue de l'Amille* da que é director Jules Simon.

Neste 1.º volume encontramos um estudo sobre a *Litteratura portugueza contemporanea* assignado pelo sr. Moniz Barreto; um estudo historico sobre *Os Filhos de D. João I*, firmado pelo illustre historiador Oliveira Martins; uma poesia *Ideal Moderno* da Guerra Junqueiro, que pedimos licença á *Revista* para transcrever no presente numero da *ILUSTRAÇÃO*; um conto *O caixão de Fialho d'Almeida*; um estudo do Conde de Sabugosa sobre os *Torreados em Portugal*; e uma *Chronica politica* assignada P. da Oliveira, e onde se reconhece a poderosa individualidade do sr. Oliveira Martins.

Ela o que constitue o 1.º numero da *Revista de Portugal*, — numero superiormente collaborado, mas onde desejariamos tambem encontrar o nome de Eça de Queiroz assignando algumas paginas de litteratura ou de critica.

Falta-nos o espaço para darmos uma ideia aos nossos leitores de cada um dos trabalhos que acabamos de enumerar. Mas todos os collaboradores d'este primeiro numero da *Revista de Portugal* são largamente conhecidos do publico, e apontar os seus nomes julgamos ser o bastante para que a *Revista* encontre da parte dos nossos leitores a sympathia e o acolhimento de que ella é digna.

É necessario que o publico portuguez dê o maior apoio á *Revista* de Eça de Queiroz. É necessario que a *Revista* seja em Portugal o arquivo dos grandes trabalhos litterarios, historicos, criticos e philosophicos da nossa geração, trabalhos que não podem encontrar cabimento nas columnas dos jornaes, e que tem esperada até hoje por uma *Revista* para tomarem o incremento e o desenvolvimento de que tanto necessitam.

Entre nós, por falta d'uma *Revista*, bellos talentos tem ido naufragar nos folhetins, nos artigos de fundo e nos noticieros. Hoje que a *Revista* de Portugal apparece, para chamar a si todos os ta-

lentos da nossa terra, é preciso que o publico letrado não desampare a tentativa, para que Portugal não seja o unico paiz da Europa onde não ha uma brochura periodica, onde se veja do que nós somos capazes no dominio da phantasia e da critica.

Neste empreendimento da *Revista de Portugal* é necessario não negar encomios aos editores. Os snrs. Lugan e Genelloux, successores de Chariron, não hesitaram diante de quaisquer sacrificios para secundar a ideia de Eça de Queiroz — e os escriptores portuguezes devem-lhes largo reconhecimento por este facto, attendendo a que n'esta quadra de mercantilismo litterario que atravassamos, não é facil encontrar quem arrisque capitales em edições que se dirigem unicamente a um publico muito illustrado, e por consequencia bastante diminuto.

TSARINE PO DE ARROZ RUSSO

Achreffe, Bouchette, Juvenat
PREPARADA POR VIOLET
29, Boulevard des Italiens, PARIS

A UM SUICIDA

Tu, sim; tiveste a tragica coragem
de lançares-te ao Nada heroicamente!
Não te agarraste ás bordas da voragem,
fraco e tremendo...

Viste que não ha nada n'esta vida,
onde não brote a sensação da Dor
e que a nossa existencia vai perdida,
fragil embarcação sempre balida
n'un mar cheio de horror.

Viste, e tiveste a nobre heroicidade
de romper o legado do atavismo:
tiveste a crença d'esta nossa idade,
— mergulhaste no abysmo!

Dizem que é covardia... E, no entanto,
tremem junto do lugubre cairal...

Dizem que é covardia... E o medo é tanto
que — só para viver — negam o pranto,
negam a dor cruel...

Eu quizeria lhes dar o calafrio
que me sacode os nervos doloridos,
que me agita a medula e que, sombrio,
me entorpece os sentidos,

quando eu penso no fim d'esta existencia;
na Morte: a tétrica: a feral visão!
e sei que ha de extinguir-se a Consciencia
e as Fôrmas rolado na turbulencia,
do eterno turbilhão!

De que serve lutar? ser justiceiro?
ser virtuoso e nobre e corajoso?
se a todos traga o abysmo derradeiro
do Nada pavoroso...

O teu corpo amanhã será rebento
de lyrio branco, virginal, gentil;
serás pasto de estúpido jumento,
e sentirás da vida o movimento
novamente febril...

e volverão e volverão dispersos
teus dinhos de novo em novas firmas,
em corpos mil, em turbilhões diversos,
da Vida sob as normas!

E, no entanto, que é da tua bella
intelligencia indomita e viva?

O que te resta? o que te resta d'ella,
quando a Consciencia tua já não vela
teus restos immortaes?

Tens o ser e o não ser amalgamados...
Hoitem luctavas — corpo e alma — unidos
hoje restam sómente, despresados,
restos perdidos...

X

Eis a nevrose estranha que me irrita:
este medo da Morte... este terror...

Pensar que á selva que minh'alma ngita
ha de tragar enfim — ninguém o evita
do Inconsciente o negro!

E não me apeço aos idolos que mentem...
E não procuro as illusões brilhantes...

Meus olhos, sempre abertos, vêem, sentem,
estas sombras hiantes!

Por isto eu te saudoo... A ti, que a Morte
ousaste sem receio procurar!

Vencendo o medo que me deu a Sorte
eu: covarde — quizerá, ousado e forte,
teu arroio imitar!

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

PARIS 30, RUE MONTROUX, 30

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Opéra, das principaes estações de estradas de ferro, das Colonnades e das casas committarias belleitras e popuquias. Esta hotel é dirigido pelo proprietario a sua familia. É o mais concorrido e pedido pelos viajantes brasileiros e portuguezes, em razão da modicidade do preço e das commodidades que offerece.

LAPIERRE.

SABÃO REAL VIOLET SABÃO DE THIRAGE VIOLET SABÃO VELOUTINE

Preparados por extractos medicos para a Higien da Pele e Belliza da Pele.

T. JONES
23, Boulevard des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Parfumeria Inglesa
EXTRA-FINA

Extractos compostos
IMPERIAL ROSSE
ESP. DOUQUET
VICTORIA
CAPRICE
CHYPRE
MOUET
PARLAMI
W. ROLAND
etc.

Specialidades
T. JONES
de
Fluide Iatif
Prodotto sem igual para amaciar e preservar a pelle qualquer irritação.
La Juvenile
Po sem nenhuma mistura chimica para os cuidados do rosto adherente e invisivel.
Lily Wash
Para embelezar e branquear o Rosto e os Hombrs
Iatif Cream
Conserve-se perfeitamente sobre todos os climas. Superior a todos os Cold-Cream conhecidos.
Agua de Toilette Jones
Tonica e Refrescante.
Elixir e Pasta Samohti
Dentifrica, antiseptica, blanqueja os dentes, impede a caria e o tartaro.

T. JONES
23, Boulevard des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Parfumeria Inglesa
EXTRA-FINA

Extractos compostos
SEMETHINO NEW
NEW ROYAL MAY
STEPHANOTIS
OPPONAX
VIOLETA
AIDA
W. ROSE
JUBILEE
etc.

DIGESTÕES DIFFICILIS
Dyspepsia
Perda de Appetito

DOENÇAS do ESTOMAGO
ELIXIR GREZ
TONICO-DIGESTIVO com QUINA, COCA e PEPSINA
ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS — Medalha de Ouro e Diploma de Honra
PARIS — GREZ, 36, rue La Bruyère, e em todas as Pharmacias

GASTRALGIA ANEMIA
Vomitos Diarrhea chronica

AS PORTAS DO INFERNO!

Não prevariqueiros nunca contra a Igreja da Evangelho. Hoje mesmo isto não succede porque todos os esforços d'essa concurrencia importante vao quebrar-se contra a reputação, cinco vezes secular, do precioso Elixir dissolvido dos RR. PP. Benedictinos da Abadia de Soulas tornado actualizante e dentifricio da meda e cuja voga se estende a todas as partes do mundo!

Além d'isso o celebre elixir terá sempre por advogados fiéis, além das elegantes a quem os dentes brancos asseguram a graça do sorriso, todas as pessoas desejosas de possuir uma solidão dentaria, o primeiro elemento da saúde, sob o qual a manifestação tornando-se má, um ataque de paralya está quasi sempre eminente.

Agente geral: A Segna. Bordeaux.
Preço de venda em França, Elixir: 3, 4, 8, 12 e 20 francos;
Preço de venda em França, Pós: 1, 23, e 3 francos.
Preço de venda em França, Pasta: 1, 25 e 3 francos.

Encontra-se em todas as perfumarias, Cabellereiros, pharmaceuticos, Droguistas, retrozeiros, etc.

Em todos os Perfumistas e Cabellereiros de França e do Extranjeiro

VELOUTINE

Pó d'Arroz especial

PREPARADO COM HISMUTHO

Por CH^{re} FAY, Perfumista

9, rue de la Paix, PARIS



ASTHMA E CATARRHO

Curados COM OS CIGARROS ESPIC Em França COM OS CIGARROS ESPIC 25 e 50 CAIXA

Opereiros, Tonicos, Constipações, Nervalgias

Em todos as Pharmacias de Portugal e do Brasil — PARIS, Venda por grosso, 2, Boulevard des Capucines, 20. Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.



PRANGA: 1. Rimini. — 2. Humberto. — 3. Vielle (Aovergem). — 4. Goia de Ielle. — 5. Clarineta (Itreninha). — 6. Tomborino. — 7. Euandrium provincial (Pitcepa).
ESTRANGEIRO: 8. Cynialum (Hageti). — 9. Firota de Pao (Eouninia). — 10. Baudouin (Itzila). — 11. Rebora (Teigant). — 12. Goia (Sereia).

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AUDIÇÃO DE MUSICAS PITTORESCAS.

GUERLAIN DE PARIS
15, rue de la Paix — ARTIGOS RECOMENDADOS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Agua de *Calentia Imperial*. — *Bupocelli*, sabonete de toalete. — *Creme* Jacobino (*Ambrosia Cream*). — Para a barba. — *Ointento* *Maryana* para amaciar a pele. — *Pomade* *Cypria* para branquear a calvície. — *Stibicil*, cristalizado, para o cabelo e barba. — *Agua* *Côrea* e *Agua* *Leucaria* para perfumar e limpar a cabeça. — *Agua* *Christina*. — *Pain Boon*. — *Ramulho de Cissura*. — *Metileno* *Agua* *Agria*. — *Agua* *de Paris*. — *Imperial Russa*. — *Imperial de Lourdes*, para o leuço. — *Agua de Calentia Imperial Russa*. — *Agua de Cissura* e *Agua de Cissura* para o brouzo. — *Alcoólico de Chalcaria*, para a boca.



OLEO DE HOGG
de FIGADO FRESCO de BACALHAO

NATURAL e MEDICINAL

Receitado desde 40 ANNOS, em
Francia, Inglaterra, Hespanha, Por-
tugal, Brazil, Republicas Hispano-
Americanas, pelos primeiros me-
dicos do mundo, contra as Mo-
lestias do Fegado, Tosses, Crianças
franzinas, Tumores, Irrupções
da Pelle, Osseos fracos, Flores-
brancas, etc. O Oileo de Bacalhão
de HOGG é o mais rico em prin-
cipios activos.

Vendido sempre em frascos TRIANGULARES.
Encontra-se sobre a *Esthetica e Belleza* do
Estado Francese.

Unico Proprietario: HOGG, 2, rue d'Anjou, PARIS

• E EM TODAS AS PHARMACIAS •

Casa De VERTUS Sœurs
ESPARTILHOS
PARIS 12, Rue Auber

BELLEZA DO ROSTO

— LEITE ANTEPHELICO —

O LEITE ANTEPHELICO

para o rosto com agua, deslupa

SARDAS, TIZ CRISTADA

FINTAS-NUERAS, BORRULHAS

ROSTO SARABULHENTO

E FARNACADO

RUGAS

Preserva e conserva a cutis liza e clara

GALDIER & C.

BY 21-Doc-28

VINHO DE MILLET
Chalybê Balsâmico

Tônico superior d'uma efficacia certa
na Anemia, Chlorose, Prostração. Impo-
tencia, Fevres, Bronchite chronica,
Doenças mentaes e nervosae.

PREÇO 3 FRANCOIS. O FRASCO
Remessa para o estrangeiro 2 fr. por 7 fr.

EXPORTEUR
41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris

Interessante Descoberta Parisiense
DA PARFUMERIE-ORIZA
 de L. LEGRAND, 207, Rue St-Honoré, PARIS

PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS
12 PERFUMES
DECICIOSOS
 Sob forma de Lapis
 e Pastilhas

Basta esfregar levemente os objetos para
 perfumal-os instantaneamente.

LISTA DOS PERFUMES CONCRETOS :

VIOLETTE DU CZAR.	JOCKEY-CLUB Sanguet
JASMIN D'ESPAGNE.	DFOPONAX id.
HÉLIOTROPE BLANC.	CARLINE id.
LILAS DE MAI.	MIGNARDISE id.
POIN COUPÉ.	IMPÉRIATRICE id.
ORIZA LYS.	ORIZA-DERBY id.

DESCONFIÉ-SE DAS FALSIFICAÇÕES

Agência de Portugal: 22 Cães de Leão em V. de G. e L. e L.

**VERDADEIROS GRÃOS
DE SAÚDE DO D^o FRANCH**



**GRÃOS DE SAÚDE
DO D^o FRANCH**

OCCUPAE as vossas horas de repouzo em trabalhos de CORTE e RECORTE de madeiras. Ornai os vossos quartos com bonitos objectos construídos por propria mão. *Machinas servas, desenhos e mais utensilios.* Envia-se franco. (ilustrado por 3o cent. 3, roda da Fidelidade, Paris.

LA CHARMERESSE

P6 refrigerante, o mon plus ultra do gás de cozinha. A composição absolutamente nova no ponto de vista da higiene, e não fumosa, odorizante ou a sua peculiaridade inerente foram recomendadas a seu uso para as pellas delicadas. Refreco a pelle, dissipa os vapores, refresca e dá ao corpo a frescura milim, agradável e discreta de costume já se desapparece com o uso habitual. Para obter estes resultados, basta se expor, todos os dias, a um banho de vapor de **CHARBONNE CONCENTRADA** ou solidificada em estado, muito abundante.

Mae S. J. Rosanna, n.º 1. Paris. — Em Lisboa: GODEFROY, Rua Garrett, 78; BERNARD, Rua Garrett 78; ESTACIO & Cia, Praça de D. Pedro (Poela), e nas grandes farmacias de Lisboa.

FERRO QUEVENNE

Falso aprovado pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS, cura: Anemia, Pobreza do Sangue, Fluxo
branco, verdes. Existe Sello de UNIAO DOS FARMACUTICOS - 14, rue des Beaux-Arts, PARIS - FRANCE

Le Gérant : P. MOUILLOT.

50 ANNO

di SUCCESSO

PARIS. — IMPRENSA P. NOUILLON, 13, QUAI VOLTAIRE.